

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA DO COMPORTAMENTO DESVIANTE E DA JUSTIÇA

Ser *stripteaser*: Estigma, relações de poder e trabalho emocional

Ana Margarida Tapadas Aguiar

M

2021



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**SER *STRIPTEASER*: ESTIGMA, RELAÇÕES DE PODER E TRABALHO
EMOCIONAL**

Ana Margarida Tapadas Aguiar

Outubro, 2021

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade
do Porto, orientada pela Professora Doutora ***Alexandra Maria da
Silva Oliveira*** (FPCEUP).

Avisos legais

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

À Professora Alexandra Oliveira, pela orientação meticulosa, por todo o apoio que ofereceu ao longo deste percurso, pela disponibilidade que sempre demonstrou para auxiliar em tudo o que estava ao seu alcance e, ainda, por ter acreditado até ao fim que era possível fazer esta investigação mesmo em tempos de pandemia. Este trabalho só foi possível graças a ela!

À Natacha por ter feito este percurso comigo e por me ter ajudado incansavelmente nesta reta final.

Às grandes amigas que fiz na FPCEUP que, mais do que ninguém, me fizeram sentir bem-vinda nesta faculdade.

Aos meus amigos, por me ajudarem nos momentos mais difíceis, por me motivarem quando a realização desta dissertação parecia impossível e por estarem sempre presentes apesar da distância.

À minha irmã, a melhor pessoa que conheço, que sempre fez tudo o que podia para me abstrair nos momentos de maior stress.

Aos meus pais, por tudo o que fizeram e fazem por mim, por acreditarem nas minhas capacidades e por me motivarem a dar sempre o meu melhor.

A todas as participantes, por terem aceitado participar nesta investigação, pois foi essa participação que tornou esta dissertação exequível.

Resumo

O *striptease* é objeto de estudo de diversas investigações há várias décadas e as mulheres *stripteasers* são as que recebem a sua maior atenção. Assim como essas investigações, também esta tem como objeto de estudo estas mulheres e procura compreender as suas perspetivas sobre as relações de poder existentes no clube em que trabalham, entender o trabalho emocional que efetuam, perceber o estigma a que estão sujeitas, conhecer as motivações para o desempenho desse trabalho e, ainda, entender em que medida a COVID-19 teve impacto nas suas vidas.

Para atingir os nossos objetivos, utilizamos uma metodologia de investigação qualitativa, realizando nove entrevistas a mulheres *stripteasers* conduzidas através de um guião semiestruturado. As entrevistas foram levadas a cabo tanto em contexto presencial no clube onde as participantes trabalham (n=5), como através de videochamada (n=3), e uma foi iniciada no clube em contexto presencial e finalizada através de videochamada. As entrevistas foram sujeitas a análise de conteúdo.

A análise dos dados levou-nos à conclusão de que as participantes consideram que detêm o poder nas interações com os clientes, sendo que algumas consideram mesmo que, dentro do clube, são elas quem detêm mais poder, estando até acima do proprietário. Verificamos também que o trabalho emocional é uma realidade no *striptease* e nem todas consideram que esse tenha um impacto negativo nas suas vidas. Foi possível perceber, ainda, que as participantes percecionam a existência de estigma e que apenas algumas utilizam estratégias para lidar com ele. Constatamos também que apesar das diferentes circunstâncias, a maioria das participantes inicia e mantém-se neste ramo com a motivação monetária. Finalmente, compreendemos que a COVID-19 teve impacto na vida destas mulheres essencialmente ao nível profissional, visto terem períodos em que deixaram de trabalhar, levando a uma redução de rendimentos.

Apesar das limitações que este estudo apresenta, consideramos que ele pode ser entendido como dando um contributo importante para a compreensão do fenómeno através da perspetiva das suas principais atrizes.

Palavras-chave: *striptease*, relações de poder, trabalho emocional, estigma, motivações, COVID-19

Abstract

Striptease has been the subject of research for several decades and women stripteasers are the ones that receive its greatest attention. As these researches, this one also aims to study women stripteasers and seeks to understand their perspectives about power relations inside the club in which they work, the emotional labour they perform, the stigma they experience, the motivations for performing this work and, finally, tries to understand the extent in which COVID-19 has had an impact on their lives.

To achieve our goals, we have used a qualitative research methodology, conducting nine semi-structured interviews with female stripteasers. The interviews were carried out both in person, at the club where the participants work (n=5), and by video call (n=3); one of the interviews was started at the club and ended by video call. The interviews were submitted to content analysis.

Data analysis led us to the conclusion that the participants consider that they hold the power in interactions with customers, and some even consider that, within the club, they are the ones with the most power, even above the owner. We also found that emotional labour is a reality in striptease and not all the participants in this study consider that it has a negative impact on their lives. It was also possible to notice that the participants perceive the existence of stigma and that only a few use strategies to deal with it. We also found that despite the different circumstances, most participants start and remain in this field for economic reasons. Finally, we understand that COVID-19 has had an impact on the lives of these women essentially at a professional level, as they had periods when they stopped working, leading to a reduction of their income.

Despite the limitations of this research, we consider that it can be understood as an important contribution to the understanding of the phenomenon from the perspective of its main actresses.

Keywords: striptease, power relations, emotional labour, stigma, motivations, COVID-19

Résumé

Le striptease fait l'objet de recherches depuis plusieurs décennies et les femmes strip-teaseuses sont celles qui reçoivent la plus grande attention. Comme ces recherches, celle-ci vise également à étudier les femmes strip-teaseuses et cherche à comprendre leur point de vue sur les relations de pouvoir à l'intérieur du club dans lequel elles travaillent, le travail émotionnel qu'elles effectuent, la stigmatisation qu'elles subissent, les motivations pour effectuer ce travail et, enfin, tente de comprendre dans quelle mesure le COVID-19 a eu un impact sur leurs vies.

Pour atteindre nos objectifs, nous avons utilisé une méthodologie de recherche qualitative, en réalisant neuf entretiens semi-structurés avec des strip-teaseuses. Les entretiens ont été menés à la fois en personne, dans le club où les participants travaillent (n=5), et par appel vidéo (n=3) ; l'un des entretiens a commencé au club et s'est terminé par appel vidéo. Les entretiens ont été soumis à une analyse de contenu.

L'analyse des données nous a conduit à la conclusion que les participants considèrent qu'ils détiennent le pouvoir dans les interactions avec les clients, et certains considèrent même qu'au sein du club, ils sont ceux qui ont le plus de pouvoir, même au-dessus du propriétaire. Nous avons également constaté que le travail émotionnel est une réalité dans le striptease et que tous les participants à cette étude ne considèrent pas qu'il a un impact négatif sur leur vie. Il a également été possible de constater que les participants perçoivent l'existence de la stigmatisation et que seuls quelques-uns utilisent des stratégies pour y faire face. Nous avons également constaté que, malgré les différentes circonstances, la plupart des participants commencent et restent dans ce domaine pour des raisons économiques. Enfin, nous comprenons que COVID-19 a eu un impact sur la vie de ces femmes essentiellement au niveau professionnel, puisqu'elles ont eu des périodes où elles ont cessé de travailler, entraînant une réduction de leurs revenus.

Malgré les limites de cette recherche, nous considérons qu'elle peut être comprise comme une contribution importante à la compréhension du phénomène du point de vue de ses principales actrices.

Mots clés : striptease, relations de pouvoir, travail émotionnel, stigmatisation, motivations, COVID-19

Índice

1. Introdução.....	1
1.1. Trabalho emocional.....	2
1.2. Estigma experienciado e forma de lidar com ele	3
1.3. Motivações para entrarem e continuarem no <i>striptease</i>	5
1.4. Relações de poder	7
1.5. Estratégias de resistência à opressão e exploração.....	12
1.6. Impacto da COVID-19.....	15
2. Metodologia	17
2.1. Objeto e objetivos	17
2.2. Método.....	17
2.3. Participantes	18
2.4. Instrumento	19
2.5. Procedimentos.....	19
2.5.1. Procedimentos de recolha de dados	19
2.5.2. Procedimento de análise de dados	21
3. Análise e Discussão dos Resultados	24
3.1. Relações de poder no clube.....	24
3.1.1. Autonomia.....	24
3.1.2. Percepção de poder.....	25
3.1.3. Assumir o controlo	27
3.1.4. Violência no clube.....	28
3.2. Trabalho emocional.....	30
3.2.1. Criação de personagens	30
3.2.2. Simulação de emoções e sentimentos	30
3.2.3. Impacto das simulações	31
3.3. Estigma.....	33
3.3.1. Existência de estigma	33
3.3.2. Impacto do estigma e forma de lidar com ele	35
3.4. Motivações para o <i>striptease</i>	37
3.4.1. Circunstâncias de início e motivações	37
3.4.2. Motivações para permanecerem	38
3.5. Impacto da COVID-19.....	40
3.5.1. Nível profissional	40

3.5.2. Gestão do impacto	41
4. Conclusões.....	42
5. Referências Bibliográficas	45
6. Anexos	50
6.1. Anexo 1 - Guião	50

1. Introdução

Segundo Weitzer (2009), o trabalho sexual consiste na realização de serviços sexuais em troca de uma recompensa material (habitualmente, dinheiro), citando como exemplos a pornografia, a prostituição, o *striptease* e as chamadas eróticas. As várias formas de trabalho sexual são geralmente estigmatizadas e, em alguns países criminalizadas, porque, como envolvem um carácter sexual, são consideradas ocupações desviantes e, conseqüentemente, são marginalizadas (Bruckert, 2002). É sobre um dos exemplos acima referidos, o *striptease*, que este trabalho se vai debruçar.

O *striptease* tem sido um objeto de estudo desde 1960 (Lewis, 2006). Uma grande parte das investigações incide na mulher *stripteaser* e nas suas motivações para começar e/ou continuar a fazer *striptease* (Forsyth & Deshotels, 1998; Mestemacher & Roberti, 2004; Skipper & McCaghy, 1970), no estigma que experienciam e na forma como lidam com ele (Bruckert, 2002; Thompson, Harred, & Burks, 2003), nas relações de poder existentes dentro do clube de *striptease* (Deshotels & Forsyth, 2006, 2008; Jeffreys, 2008; Murphy, 2003), na forma como interagem com os clientes (Ronai & Ellis, 1989), entre outros.

O *striptease* pode, também, ser nomeado de dança exótica, dança nua ou dança de *topless*. Este engloba danças no palco para o público no geral e danças privadas para os clientes que as paguem (Hanna, 2013), nas quais as *stripteasers* podem dançar nuas ou seminuas (Forsyth & Deshotels, 1998). As danças privadas podem ser realizadas na área onde se encontra o resto da audiência, num local mais isolado, ou numa sala particular. Estas podem ser *lap dances*, nas quais a *stripteaser* dança no colo do cliente, dança a pares¹ ou, ainda, as chamadas *booty dances* nas quais existe o movimento rápido das ancas para os lados ou para trás, normalmente numa posição agachada (Hanna, 2013). De acordo com Ronai e Ellis (1989), uma *stripteaser* deve ser *sexy*, deve promover o interesse do cliente por ela e, ao mesmo tempo, deve fazer com que este se sinta especial. Simultaneamente, deve negociar e definir limites e, ainda, lidar com possíveis sentimentos negativos em relação a ele ou a si própria. Assim, no *striptease*, para além do trabalho físico evidente das danças, existe também um trabalho emocional na interação com os clientes e na construção de relações sociais (Bruckert, 2002; Deshotels & Forsyth, 2006; Wood, 2000).

¹ O termo originalmente utilizado pela autora é *social slow*.

Esta investigação, que recorreu a uma metodologia qualitativa, tem como objetivo compreender as perspetivas de mulheres *stripteasers* relativamente às suas motivações para realizarem este trabalho, bem como a questões de poder, trabalho emocional e estigma e, ainda, ao impacto da COVID-19 nas suas vidas pessoal e profissional. Começaremos por apresentar, neste primeiro capítulo, o resultado da revisão da literatura realizada sobre o tema e, nos capítulos seguintes, apresentaremos a metodologia, a análise e discussão dos resultados e finalizaremos com as conclusões.

1.1. Trabalho emocional

De acordo com Hochschild (1983) cerca de um terço dos trabalhadores americanos teria profissões que envolvem trabalho emocional, valor este que aumentava para cerca de um meio quando se falava no caso específico das mulheres. O trabalho emocional requer que um indivíduo induza ou, pelo contrário, suprima, os seus sentimentos, de modo a produzir o estado mental adequado nos outros (Hochschild, 1983). Segundo Deshotels e Forsyth (2006), o trabalho emocional é utilizado pelas *stripteasers* quando estas fazem um conjunto de atividades com o intuito de estimularem e manipularem as fantasias sexuais dos clientes, de modo a controlá-los para obterem mais dinheiro. Por outros termos, é quando agem de acordo com quem eles querem que elas sejam, assumindo diferentes papéis (Bruckert, 2002). Um caso específico da supressão de sentimentos é dado por uma entrevistada de Wood (2000) que revela suprimir os seus verdadeiros sentimentos e a razão pela qual está no clube (ganhar dinheiro), porque sabe que se não o fizer, acabará por receber menos dinheiro, uma vez que não se encontrará relaxada e não conseguirá fingir interesse pelos clientes que, por sua vez, não quererão a sua companhia. Na relação que as *stripteasers* estabelecem com os clientes, é essencial que se mostrem preocupadas e interessadas por eles e pelo que eles dizem, uma vez que a aparência de preocupação é algo que também é comprado (Bruckert, 2002). Uma estratégia específica que envolve trabalho emocional é aquilo a que Pierce (1995) chamou de amizade estratégica numa investigação com advogados; esta traduz-se na obtenção de poder por parte dos advogados nas interações com clientes, através da manipulação destes, utilizando charme e bajulação (cit in Deshotels & Forsyth, 2006). Por sua vez, as *stripteasers* utilizam estratégias similares a esta com o intuito de ganharem dinheiro e poder, contudo, como o que elas fazem é demonstrar disponibilidade erótica, bem como manipular e satisfazer as fantasias dos clientes, os autores falam, assim, no conceito de *strategic flirting* (Deshotels & Forsyth, 2006). No entanto, Deshotels e

Forsyth (2006) dizem que as *stripteasers* ao desempenharem trabalho emocional, através do uso do *strategic flirting*, podem sentir-se empoderadas, mas, ao contrário dos advogados e de outros trabalhadores, elas relatam consequências negativas, como o sentimento de culpa proveniente de ganhar poder à custa da perda de outro ou o facto de não conseguirem criar e manter um “eu” autêntico. Também Hochschild (1983) afirma que o trabalho emocional pode acabar por trazer consequências negativas para o indivíduo que o utilize, dando o exemplo dos danos que pode causar na capacidade de sentir verdadeiramente e de compreender os sentimentos. Bruckert (2002), similarmente, refere que o facto de as *stripteasers* terem de suprimir algumas emoções, como por exemplo a raiva, quando se encontram em situações de assédio verbal ou físico por parte dos clientes, e que o facto de estarem constantemente a fingir ser uma pessoa diferente daquela que realmente são, pode ser stressante e trazer consequências negativas para a vida delas, como, por exemplo, para as suas relações pessoais. No entanto, Hochschild (1983) considera que os benefícios do trabalho emocional são superiores aos custos.

Segundo Deshotels e Forsyth (2006), vários são os investigadores que assumem que quando são homens a utilizarem o trabalho emocional e a tornarem-se naquilo que o cliente quer, estão a adquirir mais poder, mas quando se trata de uma mulher, já a percecionam como estando a adotar uma posição subordinada, ou seja, assumem que a mesma ação é empoderadora quando se trata de um homem a realizá-la e que é desempoderadora quando é realizada por uma mulher. No entanto, ao contrário desses investigadores e apesar das consequências negativas, estes autores defendem que o uso do *strategic flirting* subverte as relações de poder entre os géneros, passando a mulher a adotar uma posição dominante e o homem uma posição subordinada.

1.2. Estigma experienciado e forma de lidar com ele

Skipper e McCaghy (1970) consideram que o *striptease* é visto como uma ocupação desviante, uma vez que, tradicionalmente, o corpo humano, e especialmente o feminino, é visto como algo privado e sagrado e, por isso, não é esperado que a mulher mostre o seu corpo nu a qualquer pessoa. Como é uma ocupação percecionada como desviante, as *stripteasers* experienciam estigma e são obrigadas a aprender a lidar com ele (Forsyth & Deshotels, 1998).

Bruckert (2002) afirma que as *stripteasers* estão cientes do estigma associado à profissão, que consideram que o mesmo tem aumentado e que este se deve, principalmente, ao facto de o mundo exterior não diferenciar *striptease* de prostituição. A autora advoga que o processo de estigmatização ocorre com a contribuição do Estado que legitima o estigma a elas associado através, por exemplo, da intervenção do sistema criminal e da justiça aquando das visitas de polícias aos clubes para patrulhar. Estas evidências são referidas pelas entrevistadas e pela pesquisa que a autora fez para localizar a indústria dentro da administração estatal e para saber as regulamentações associadas, uma vez que teve como objetivos no seu trabalho estudar várias dinâmicas associadas ao *striptease*, de forma a dar visibilidade a estas mulheres e de compreendê-las através das suas perspetivas. Bruckert (2002) afirma, ainda, que o processo de estigmatização ocorre, também, com a contribuição dos clientes que perguntam às *stripteasers* qual é o seu preço, assumindo que elas fazem prostituição; e, ainda, com a contribuição dos gerentes que as percecionam como crianças que não têm competência como trabalhadoras, que não possuem ética de trabalho e que são pessoas em quem não se deve confiar.

Ainda de acordo com Bruckert (2002), o estigma implica várias limitações para a vida das *stripteasers* em vários níveis, tais como em termos de relacionamentos amorosos, sendo difícil para algumas manter ou iniciar relacionamentos, em termos financeiros (dizendo uma entrevistada que é mais difícil para elas conseguirem um crédito em bancos), em termos sociais (por exemplo, alguns senhorios não arrendam casa a *stripteasers*) e o estigma pode, mesmo, chegar ser internalizado e pode alterar certas definições de si própria, começando a *stripteaser* a ver-se como alguém que não é normal.

Assim, de forma a contrariarem as implicações negativas da sua ocupação, algumas *stripteasers* utilizam estratégias para lidar com o estigma. De acordo com Thompson e colaboradores (2003) estas estratégias englobam a divisão do mundo social e a utilização de técnicas de neutralização. Segundo Goffman (1963), a divisão do mundo social em duas categorias é uma forma eficiente de lidar com um fator estigmatizante. Uma das categorias deve incluir um pequeno número de pessoas a quem se faz conhecer a característica estigmatizante e na outra categoria estão todas as outras pessoas a quem se esconde essa característica. O autor defende que devido aos benefícios de se ser visto como normal, as pessoas tendem a encobrir a característica estigmatizante quando lhes é possível, no entanto, também considera que é difícil ocultar essas características de pessoas com quem mantêm relações íntimas, uma vez que a base das relações na nossa sociedade é a confissão mútua

de defeitos invisíveis, correndo o risco de se sentir culpado caso os oculte. Thompson e colaboradores (2003) verificaram no seu estudo que as entrevistadas responderam que apenas as pessoas mais próximas sabiam da sua ocupação, corroborando, assim, o uso desta estratégia. Segundo Sykes e Matza (1957), alguns jovens que violam a lei utilizam técnicas de neutralização como “negação da responsabilidade”, “negação do dano”, “negação da vítima”, “condenação dos condenadores” e o “apelo a lealdades superiores” para explicarem a sua delinquência e para neutralizarem o estigma a ela associado. No entanto, os autores consideram que nem sempre estas técnicas impedem o indivíduo de se sentir culpado ou envergonhado pelos seus atos. Do mesmo modo, as *stripteasers* utilizam algumas das técnicas citadas por Sykes e Matza (1957) com o intuito de explicarem a sua ocupação e neutralizarem o estigma associado (Thompson et al., 2003). Thompson e colaboradores (2003) defendem que as *stripteasers* utilizam a “negação do dano” quando afirmam que o *striptease* é um trabalho legal e inofensivo, utilizam a “condenação dos condenadores” quando condenam e criticam quem o mesmo lhes faz, acusando-os de hipocrisia e exemplificando com os polícias que entram nos clubes para fazerem uma detenção, mas primeiro assistem ao espetáculo, e utilizam o “apelo a lealdades superiores” quando afirmam que só fazem *striptease* para proporcionarem vidas melhores às suas famílias.

1.3. Motivações para entrarem e continuarem no *striptease*

Vários estudos previamente realizados procuraram perceber quais as motivações que levam as mulheres a escolherem o *striptease* como profissão, sendo esta uma profissão estigmatizada, e diversos autores referem que a maioria delas inicia esta carreira com as mesmas motivações, ambições e intenções, sendo que, uma das grandes motivações é económica (Barton, 2002; Skipper & McCaghy, 1970; Sweet & Tewksbury, 2000). Algumas necessitam do dinheiro para fazerem face às suas despesas ou então desejam ter mais oportunidades financeiras para obterem um melhor nível de vida e consideram que o *striptease* pode ser uma forma de ganhar uma maior quantidade de dinheiro num período mais reduzido. Sweet e Tewksbury (2000) afirmam que, para além do fator monetário, o *striptease* é uma ocupação atrativa pois apresenta horários flexíveis, bem como um bom ambiente de trabalho onde existe diversão e proporciona, ainda, a independência da *stripteaser*. Estes autores defendem que é possível dividir as *stripteasers* em três categorias, de acordo com a forma como elas encaram o *striptease*. As três categorias são as dançarinas de carreira, as dançarinas de festa e as dançarinas de poder.

As dançarinas de carreira são aquelas que começam a dedicar mais tempo a este trabalho pois apercebem-se que os seus aspetos financeiros se encontram acima do que esperavam inicialmente. Dessa forma, é essa grande quantidade de dinheiro e a percepção de que não conseguirão auferir tamanha quantia noutra emprego que mantém estas mulheres no *striptease*. As dançarinas de festa são aquelas que entram neste trabalho não apenas como uma forma de ganhar mais dinheiro, mas como uma forma de poder socializar, dançar, conhecer novas pessoas e consumir álcool ou outras drogas, ou seja, iniciam-se no *striptease* devido ao ambiente do clube e ao estilo de vida que podem experienciar. Para estas, é este estilo de vida cativante e os privilégios dos quais podem usufruir dentro do clube que as faz quererem manter-se no trabalho, uma vez que sabem que não arranjarão outro onde possam ter o mesmo comportamento. Por fim, as bailarinas de poder são aquelas que consideram o *striptease* atrativo por acreditarem que no clube conseguem ter poder, conseguem controlar as ações dos outros, bem como as suas interações. Assim, para estas dançarinas, são as recompensas psicológicas e emocionais que as “prendem” ao trabalho, pois consideram ter poder sobre os homens, sobre o sexo e sobre o dinheiro, coisas que fora daquele lugar não acreditam conseguir (Sweet & Tewksbury, 2000). Apesar desta divisão, os autores defendem que, ao longo da carreira, as *stripteasers* podem encarar o *striptease* de formas diferentes e que podem ser diferentes motivos a fazê-las manterem-se na ocupação podendo, desse modo, enquadrar-se em diferentes categorias. No estudo de Mestemacher e Roberti (2004), uma das entrevistadas refere que aprecia fazer *striptease* porque considera ser uma forma de liberdade de expressão e da sua sexualidade, porque o salário é bom e porque o ambiente é estimulante, confirmando assim, que apesar da divisão feita por Sweet e Tewksbury (2000), existe quem pertença às três categorias. Desta forma, apesar de muitas iniciarem a sua carreira de *stripteasers* apenas como um *part-time* ou com o pensamento de que será algo temporário (Sweet & Tewksbury, 2000), como uma das entrevistadas de Forsyth e Deshotels (1998) afirma, o dinheiro, o estilo de vida que conseguem e a atenção que recebem dificulta a saída.

Por sua vez, Skipper e McCaghy (1970) e Forsyth e Deshotels (1998), defendem que as mulheres entram nesta ocupação por terem uma tendência para o comportamento exibicionista, ou seja, por gostarem de ser apreciadas, de receberem atenção, de excitar os homens e de ter poder sobre eles. Dizem, ainda, que podem ser motivadas a começar devido ao surgimento de estruturas de oportunidade que tornaram o *striptease* uma alternativa acessível, como o facto de viverem em áreas metropolitanas grandes com clubes de

striptease, possuem corpos atrativos e por lhes ter sido dito que tinham qualificações para serem *stripteasers*. Por fim, os autores, assim como os que foram anteriormente citados, referem que elas podem ser motivadas pelo conhecimento da grande quantidade de dinheiro que podem ganhar num período reduzido.

1.4. Relações de poder

Como visto anteriormente, existem *stripteasers* que decidem começar ou continuar a fazer *striptease* uma vez que o percebem como uma profissão promotora de empoderamento feminino, onde são livres sexualmente e onde têm a capacidade de exercer poder nas suas relações com os homens. No entanto, parece não existir unanimidade em relação a este tema, visto que também há quem considere que as mulheres que desempenham trabalho sexual, incluindo *stripteasers*, são exploradas, dominadas e oprimidas e que, dessa forma, o *striptease* (e todas as outras formas de trabalho sexual) deveria ser abolido (Barry, 1995; Dworkin, 1981, 1997; Jeffreys, 1997; MacKinnon, 1987, 1989, cit in Weitzer, 2009). Contudo, há ainda quem defenda que estas duas perspetivas são reducionistas e que o trabalho sexual nem é completamente empoderador nem completamente opressivo, existindo variações ao longo do tempo, do espaço ou do setor (Barton, 2002; Murphy, 2003; Weitzer, 2009), como iremos ver posteriormente.

Primeiramente, é relevante definir os termos empoderamento e opressão. De acordo com Kabeer (1999), o poder está relacionado com a capacidade de fazer escolhas e, assim sendo, o empoderamento é a aquisição desta capacidade por parte de quem, anteriormente, não a possuía. No entanto, a autora refere que existem condições que devem ser cumpridas para que se esteja perante uma escolha real, nomeadamente, a existência de outras alternativas e o conhecimento dessa existência. A autora afirma que é possível perceber a capacidade de fazer escolhas através de três dimensões: recursos, agência e conquistas. Os recursos são pré-condições materiais, humanas ou sociais que aumentam a capacidade de exercer uma escolha e que são adquiridos através das relações existentes nas variadas instituições da sociedade. O acesso a estes recursos reflete as regras e normas que governam aquela instituição, uma vez que elas dão uma maior autoridade a alguns indivíduos, estando estes numa situação privilegiada e, por isso, tendo acesso a recursos que outros não têm (por exemplo, um chefe de uma empresa pode tomar decisões que outros não podem, devido à posição que ocupa). A agência, por sua vez, implica definir objetivos e agir de forma a realizá-los. Esta pode ser operacionalizada através da tomada de decisão ou pode assumir

formas como a negociação, a manipulação, o engano, a resistência e a subversão ou oposição às normas. Para além disso, a agência engloba as motivações, os objetivos e os significados que os indivíduos atribuem às suas ações, ou seja, o seu senso de agência. Por fim, a autora diz que a agência e os recursos juntos, constituem o potencial das pessoas para viverem a vida que pretendem e as conquistas traduzem-se nos resultados dos seus esforços (Kabeer, 1999).

Relativamente à opressão, Young (2011) afirma que todas as pessoas oprimidas partilham de alguma inibição da sua habilidade de desenvolver e exercitar as suas capacidades e de exprimir as suas necessidades, pensamentos e sentimentos. No entanto, a autora advoga que a opressão pode ocorrer de cinco formas distintas, ou seja, que existem cinco tipos de opressão: exploração, marginalização, falta de poder, imperialismo cultural ou violência. A exploração consiste em utilizar a força de trabalho de um indivíduo para gerar lucro, mas não o recompensando de forma justa; a marginalização é um processo de exclusão onde se despreza e restringe um grupo de indivíduos aos limites de uma sociedade, não os deixando ter uma participação ativa e útil na vida social; a falta de poder reflete-se nos indivíduos que são dominados por alguém com posição superior e estão constantemente sujeitos às suas ordens, não demonstrando autonomia; o imperialismo cultural consiste em tornar norma a cultura da classe dominante, difundindo os seus valores, experiências e objetivos e dizendo como é que as pessoas devem agir, não demonstrando interesse pela existência e experiência dos outros grupos e impondo-lhes a sua forma de interpretar e viver a vida social; por fim, a violência consiste em ataques contra uma ou mais pessoas, ou propriedades, de grupos oprimidos com o objetivo de humilhar ou danificar, causando receio não só nas pessoas que sofrem o ataque, mas também nos restantes membros do grupo que, por serem membros, tornam-se possíveis vítimas (Young, 2011).

Passando, agora, para as perspetivas do empoderamento e da opressão, Holsopple (1998) é uma das autoras que defende que o *striptease* é financeiramente explorador, que normaliza a violência contra a mulher e que é fundado de acordo com a dominância e controlo masculino. A autora diz ser impossível haver clubes de *striptease* sem estar presente a violência sexual e que esta violência vai contra a ideia de que o *striptease* é um entretenimento inofensivo. Por sua vez, Wood (2000) não considera que a *stripteaser* seja uma pessoa sem agência, completamente dominada pelo cliente, mas defende que ela contribui para a afirmação de conceitos tradicionais de masculinidade e, consequentemente, para a promoção do poder e do benefício do cliente, ao tornar-se quem ele quer que ela seja

e ao desempenhar uma grande quantidade de trabalho emocional enquanto finge interesse por ele. Também Jeffreys (2008) advoga que o *striptease* acaba por reforçar a desigualdade de poder entre homens e mulheres. Ela diz que o aumento na adesão aos clubes de *striptease* que se verificou no século XX pode ser explicado pela necessidade que os homens sentiram em reequilibrar o domínio masculino após o que os movimentos feministas foram conquistando. Ou seja, a autora considera que os homens recorriam ao clube de *striptease* para exercerem o seu poder sobre as mulheres, ficando subjacente a ideia de que quem detém o poder dentro do clube são os clientes e não as *stripteasers*. Também são várias as ativistas feministas que afirmam ser impossível ganhar poder através de qualquer um que seja o trabalho sexual e que o *striptease* não é libertador (Siebler, 2015).

Para Ronai e Ellis (1989), o clube de *striptease* é um contexto desempoderador, no entanto, os autores consideram que as *stripteasers* podem sentir-se empoderadas uma vez que conseguem controlar, manipular e explorar os clientes para atingirem o seu objetivo, que se traduz em ganhar mais dinheiro, enquanto os fazem acreditar que são eles que detêm o poder. Por sua vez, Erickson e Tewksbury (2000) defendem que as *stripteasers*, ao invés de serem exploradas e abusadas, como é referido por autores previamente citados, detêm o poder para definirem as regras das suas interações com os clientes e eles apenas podem fazer o que elas permitem que eles façam. Também Johnson (1999), que fez *striptease*, considera que no clube ela alcança a liberdade de ação e da sua sexualidade que, no seu ponto de vista, não consegue alcançar noutros lugares. Diz que é um sítio onde ser e comportar-se como uma mulher não é inadequado nem incompleto. Refere, ainda, que o trabalho, a diversão e a autoexpressão em que se envolve não está relacionada com o homem que está no clube a vê-la e a examiná-la, mas sim com o facto de ela poder controlar o seu corpo e poder lutar contra os estereótipos da sociedade que dizem como deve agir e ser uma mulher, limitando as suas oportunidades. Por sua vez, Bruckert (2002) afirma que as *stripteasers* invertem os papéis sexuais e controlam tanto a sua sexualidade como a do cliente em troca de dinheiro e que esta inversão é individualmente empoderadora. Para além disso, a autora refere que as *stripteasers* consideram não existir exploração da sua força de trabalho no clube de *striptease*. Frank (2007) diz, também, que muitas investigadoras descobrem que as *stripteasers* não são apenas brinquedos passivos para os homens, mas estão a negociar redes complexas de poder e privilégio. Do mesmo modo, Hanna (2013) afirma que a maioria das *stripteasers* dos clubes que ela visitou percecionam-se como sujeitos independentes e não objetos submissos. A autora refere que elas se sentem empoderadas por conseguirem

independência financeira e que o facto de estarem constantemente a falar com estranhos e a conquistar a sua apreciação faz com que aumente as suas autoestimas. Para além disso, algumas consideram-se feministas e defendem que elas é que deviam poder decidir se se sentem ou não empoderadas com aquela ocupação (Hanna, 2013).

Weitzer (2009) é um dos autores que defende que as perspetivas do empoderamento ou da exploração são reducionistas e que as relações de poder no trabalho sexual vão variando de acordo com o espaço, com o setor e com o tempo. Isto é, o autor considera que o empoderamento e a opressão estão presentes no trabalho sexual, mas que apresentam flutuações, não devendo, por isso, o mesmo ser reduzido a uma das perspetivas. Por sua vez, Bell, Sloan e Strickling (1998) afirmam que o *striptease* pode ser considerado explorador por algumas *stripteasers*, mas não o ser por outras. Também Barton (2002) refere que as relações de poder não são estáticas e que inicialmente as *stripteasers* podem sentir-se empoderadas, sentir uma gratificação do ego e libertação sexual, o que faz com que queiram continuar a fazer *striptease*, mas mais tarde, algumas podem começar a sentir-se oprimidas. A autora afirma que, inicialmente, o dinheiro que ganham e a libertação que sentem faz com que seja fácil ignorar os comentários rudes e o estigma a que estão sujeitas, mas com o tempo começam a achar o ambiente exaustivo e a considerar o dinheiro que ganham insuficiente, impulsionando a saída de algumas da profissão. Do mesmo modo, Murphy (2003) diz que numa visão mais superficial até pode parecer que as *stripteasers* são vítimas sem poder, no entanto, elas não são objetos passivos, não são o que os clientes querem que elas sejam, mas manipulam-nos fingindo ser quem eles querem, de forma a atingirem os seus próprios objetivos. A autora diz que, assim como os clientes, elas tanto podem estar no controlo como podem estar a ser controladas, tanto podem ser um objeto como um sujeito, sendo o poder uma força que vai circulando. Pasko (2002), por sua vez, afirma que as *stripteasers* têm poder nas suas relações com os clientes, no entanto, considera que esse poder vem do facto de ela se tornar uma imagem sexual e que, por isso, não é transversal ao mundo exterior. A autora advoga que o *striptease* representa desigualdade e que envolve consequências sociais e psicológicas negativas para as *stripteasers*, não podendo assim ser visto como uma experiência libertadora. Para além disso, a autora defende que não pode ser considerado uma experiência libertadora, porque ao se afastarem das suas verdadeiras emoções e ao atuarem constantemente como se fossem um objeto sexual, estão a refletir e reforçar as diferenças nas relações de poder que se verificam no clube e no mundo exterior. Deshotels e Forsyth (2006) advogam que o *striptease* pode ser empoderador. Através da sua análise, os autores

aperceberam-se que, geralmente, as *stripteasers* sentem poder na relação com o cliente. Elas dizem sentir este poder quando utilizam o *strategic flirting* para os manipularem, fazendo com que estes lhes deem dinheiro, e sentem-se empoderadas, também, porque beneficiam diretamente da sua sexualidade e detêm o poder para a controlar. Algumas das suas entrevistadas dizem mesmo que aquele é o trabalho mais empoderador que já tiveram. Consideram ter poder sobre o homem em termos monetários, ao controlarem as suas ações e ao manipularem as suas fantasias, admitindo tirar prazer desse poder. No entanto, como visto anteriormente, os autores defendem que as *stripteasers* ao utilizarem o *strategic flirting*, também experienciam consequências negativas. Os mesmos autores (2008), através de um estudo no qual relacionaram o sentimento de poder que as *stripteasers* dizem sentir com as regras que o clube impõe relativamente à relação *stripteaser*-cliente, chegaram à conclusão que as regras existentes dão poder à *stripteaser* sobre o cliente, para controlar as suas interações e para ganhar mais dinheiro, isto é, ela pode quebrar ou reforçar as regras dependendo daquilo que deseja e quanto mais rigorosas forem as regras, mais a *stripteaser* se beneficia ao quebrá-las pois pode exigir mais dinheiro por isso (por exemplo, num clube onde o toque não é permitido, ela pode exigir mais dinheiro ao cliente caso ele deseje tocá-la). No entanto, os mesmos dizem que elas estão a recriar as definições dominantes da mulher como objeto sexual, uma vez que estão a receber dinheiro dos homens para realizarem serviços corporais. Assim, os autores consideram que o poder que as *stripteasers* sentem individualmente e ao nível organizacional não se propaga ao nível institucional, uma vez que não têm o poder para decidir por quem vão ser pagas, pelo quê e como. Por fim, Pilcher (2009) diz que se deve ter em consideração a perspetiva de poder das *stripteasers* e que elas podem sentir-se empoderadas sexual e eroticamente por conseguirem fazer com que os clientes reparem nelas, comandando e controlando, assim, a sua atenção, e por serem agentes ativos que resistem à dominância masculina. No entanto, a autora defende ser inapropriado considerar o *striptease* empoderador, uma vez que reproduz relações de poder convencionais nas quais o homem ocupa um lugar superior.

Assim, através da literatura citada é possível verificar que existem várias posições sobre as relações de poder existentes no *striptease*. No entanto, como referem alguns autores, reduzir o trabalho sexual a um destes dois pontos de vista, nos quais ou se considera empoderador ou opressivo, não constitui a melhor forma de análise. Possivelmente, o mais indicado é compreender que nem todos os locais de trabalho funcionam da mesma forma e que nem todas as *stripteasers* têm a mesma experiência no trabalho, podendo, também, a

mesma variar ao longo do tempo, e podendo estar presentes elementos de opressão e, simultaneamente, de empoderamento. Desta forma, a próxima secção incide em estratégias utilizadas pelas *stripteasers* para resistirem à opressão que podem experienciar no trabalho, bem como para conseguirem controlar as suas interações com os clientes e, dessa forma, possuírem mais poder.

1.5. Estratégias de resistência à opressão e exploração

Bruckert (2002) afirma que as *stripteasers* utilizam estratégias para lutarem contra a exploração e opressão e para terem o controlo do trabalho através da resistência à autoridade da gerência. Estas estratégias são maioritariamente individualistas, mas também existem algumas coletivas (Bruckert, 2002). Relativamente às estratégias coletivas, as *stripteasers* tendem a partilhar preocupações que têm em relação ao trabalho e, definem, em conjunto, o que é ou não considerado uma ameaça e como se deve reagir perante essas situações. Um exemplo de uma situação ameaçadora é quando alguma *stripteaser* decide começar a realizar atividades que não são supostas fazer no clube e acaba por comprometer os ganhos das que não as fazem. Algumas estratégias utilizadas perante situações destas são criar rumores, reais ou não, sobre o comportamento ofensivo dessa *stripteaser* de forma que a gerência fique a saber. Se essa estratégia não funcionar, elas juntam-se e decidem não aparecer no clube para trabalhar até que a situação fique resolvida e, uma vez que elas são as figuras essenciais no clube, esta estratégia é bastante eficaz. Elas juntam-se, também, para fazerem face a injustiças praticadas pelos gerentes (Bruckert, 2002).

No entanto, como referido anteriormente, as estratégias individuais são as formas de resistência mais comuns. As *stripteasers* procuram, essencialmente, satisfazer os seus interesses individuais e lutar contra a opressão, aumentar o dinheiro que ganham, bem como a sua autonomia. Elas consideram que são importantes no clube e que graças a essa posição podem definir o que fazem, uma vez que creem que se forem demitidas quem vai perder é o próprio clube porque os clientes delas vão deixar de frequentá-lo para passarem a frequentar o seu novo local de trabalho. Várias *stripteasers* recusam-se a fazer apresentações no palco para todos, quando podem estar a ganhar mais dinheiro em danças individuais, utilizando várias desculpas. Os gerentes podem demiti-las, mas raramente é isso que fazem porque, geralmente, existem outros clubes aos quais elas podem recorrer, sendo assim, mais frequente a aplicação de sanções. Contudo, as estratégias individuais podem prejudicar a solidariedade que existe entre as várias *stripteasers*, uma vez que a vantagem de uma pode

ser vista como a desvantagem de outra. A autora refere, ainda, que elas se unem e se ajudam quando detetam interesses em comum, como o que foi mencionado acima, mas quando se apercebem que alguma colega está a pôr em causa os seus rendimentos (ao tentar vender danças a um cliente que ela considera que é seu, por exemplo), esta aliança solidária acaba. Isto pode ser explicado pelo facto de elas não terem salários fixos, serem “auto-empREENDEDORAS”, o que faz com que estejam a competir por clientes e com que haja um conflito de interesses, fazendo assim com que, por vezes, iniciem boatos ou tenham comportamentos violentos umas com as outras (Bruckert, 2002).

Para além das estratégias acima mencionadas, as *stripteasers* utilizam estratégias para controlarem as expectativas e os comportamentos dos clientes (Bruckert, 2002). A autora afirma que existe um *public transcript* no clube que dá a entender que o cliente é dominante e está no controlo das interações, uma vez que ele possui o dinheiro, e que, portanto, a *stripteaser* não tem poder. No entanto, simultaneamente, existe um *hidden transcript* que traduz a forma como os trabalhadores do clube veem o mundo e este é mantido em segredo dos clientes. É através deste que a *stripteaser* molda as suas interações com os clientes e redefine os seus encontros, tornando-se a detentora do poder; através do *hidden transcript* esta redefine, ainda, a imagem que tem do cliente e tenta entender o seu comportamento (algumas veem-no como sendo como uma criança que insiste em fazer algo se lhe for dito que não o pode fazer, como tendo pouca inteligência por acreditar em algumas coisas que elas dizem e por gastar no clube o seu dinheiro, como sendo desesperado ou como sendo inadequado). A autora defende que, desta forma, os papéis são invertidos, tornando-se objetos os clientes e não as *stripteasers*, sendo que essa objetificação pode levar à exploração dos mesmos, exemplificando com um excerto de uma entrevistada que refere ter mentido a um cliente, afirmando que não tinha dinheiro para pagar a prestação do carro e, por isso, este ser-lhe-ia retirado, para que este lhe desse dinheiro extra. Por sua vez, as *stripteasers* tornam-se os agentes que possuem o controlo. Assim, o *hidden transcript* permite-lhes conhecer os clientes, bem como, estabelecer estratégias de resistência à opressão e ganhar poder sem que os clientes se apercebam disso, continuando os mesmos a achar que o poder é deles. Durante as suas atuações, a *stripteaser* estabelece a interação com o público, define as suas ações e como quer que os clientes a vejam, ou seja, o público pode vê-la como um objeto e de forma sexualizada, mas porque ela assim o quis. Devido ao *hidden transcript* e à imagem dos clientes que elas criam, é mais fácil manter uma postura positiva quando ouvem comentários depreciativos e, para além disso, é referido que elas consideram

que as opiniões deles apenas possuem importância na medida em que podem ser manipuladas para a concretização dos seus objetivos. Assim, os clientes são vistos como objetos que apenas servem para aumentar os seus rendimentos e cuja opinião não possui importância (Bruckert, 2002).

Ronai e Ellis (1989), por sua vez, também afirmam que as *stripteasers*, de modo a ganharem o controlo das suas interações e conseguirem aumentar os seus ganhos, utilizam várias estratégias. Estas incluem demonstração de sinceridade e de espontaneidade e o fornecimento de informações secretas para demonstrar lealdade. Para o cliente acreditar que a *stripteaser* o acha interessante e que gosta da sua companhia, ela tende a elogiá-lo e a convencê-lo de que, para ela, ele é diferente dos restantes; de forma a identificar a quantidade de dinheiro que o cliente possui e que está disposto a gastar com ela, a *stripteaser* faz-lhe perguntas sobre si e sobre a sua vida. Assim, está ainda a demonstrar interesse por ele o que o faz sentir-se bem consigo próprio e que, por sua vez, poderá aumentar a sua predisposição para gastar uma maior quantidade de dinheiro; outra forma de o convencer a gastar mais dinheiro com ela é fazê-lo acreditar que ela se encontrará com ele fora do clube, não sendo isso muitas vezes verdade (Ronai & Ellis, 1989). Os autores afirmam que as *stripteasers* conseguem controlar o comportamento dos clientes de forma subtil, sem pôr em causa a sua forma de ganhar dinheiro, dizendo, por exemplo, que não podem fazer alguma coisa porque a gerência não o permite, ou então podem manter o contacto visual, que para além de demonstrar interesse, pode fazer com que os clientes mantenham os olhos nelas e diminuam assim a tentativa de toques físicos. Assim, geralmente, a *stripteaser* tende a atuar de acordo com a ilusão de que ela é uma mulher sexual a agradar e satisfazer um homem dominante. No entanto, se o cliente quebrar as regras estabelecidas e ela não conseguir controlar o seu comportamento de forma subtil, pode parar de agir de acordo com a personagem previamente adotada e pode ter uma resposta verbal ou fisicamente agressiva, pondo em causa o secretismo do *hidden transcript*, uma vez que lhe mostra que não são os clientes que possuem o poder e que as *stripteasers* não são objetos sexuais que eles podem dominar e com quem podem fazer tudo o que pretendem, mas sim sujeitos com autonomia e agência (Bruckert, 2002). Contudo, ao revelar o *hidden transcript*, a *stripteaser* põe em causa a sua forma de ganhar dinheiro porque o cliente, ao perceber as dinâmicas do clube, pode não querer comprar-lhe mais danças (Bruckert, 2002).

De forma a concluir, Bruckert (2002) defende que as *stripteasers*, ao utilizarem estratégias de resistência contra o que as identifica como objetos sexuais, encontram-se a

desafiar os argumentos que as definem como vítimas, bem como a inverter papéis de género que as têm vindo a oprimir ao longo dos anos. No entanto, a autora, também, afirma que esta capacidade de desconstruir relações exploratórias ou opressivas através de *hidden transcripts* é limitada pois é algo que é oculto, é segredo e, por isso, apesar de ser empoderador individualmente, não permite causar impacto na perceção do público em geral nem gerar uma consciência entre todos os indivíduos que seja coerente, como foi verificado anteriormente.

1.6. Impacto da COVID-19

A situação mais marcante dos últimos tempos foi o aparecimento da COVID-19, doença provocada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), que num curto período se alastrou a vários países, sendo declarada pandemia mundial pela OMS a 11 de março de 2020 (WHO, 2020). Esta situação pandémica teve influências na vida de todos os indivíduos, não excluindo nenhuma etnia, nacionalidade, faixa etária ou grupo social e, portanto, afetou também o objeto de estudo desta investigação. De forma a controlar a propagação do vírus, a grande maioria das nações viu-se obrigada a implementar medidas drásticas de mitigação e contenção como, por exemplo, confinamentos nacionais. Contudo, com estas medidas, houve várias alterações ao nível laboral, vários foram os postos de trabalho perdidos e os níveis de desemprego e de pobreza consequentemente aumentaram (Mamede, Pereira, & Simões, 2020). Os trabalhadores do sexo não foram exceção e viram as suas situações, por vezes já vulneráveis, a agravarem-se. A literatura mostra que os trabalhadores sexuais em várias partes do mundo foram excluídos pelos Governos (principalmente nos países em que o trabalho sexual é criminalizado), uma vez que não foram incluídos nos grupos que tinham direito a apoios caso não pudessem exercer a atividade profissional (UNAIDS, 2020), pois o trabalho sexual não é reconhecido como trabalho nem a indústria sexual como uma empresa (Lam, 2020). Desta forma, para sobreviverem, estes viram-se obrigados a trabalhar correndo mais riscos de contraírem a infeção (NSWP, 2020). No entanto, devido às contingências, a procura dos seus serviços também diminuiu e com isto também os seus lucros e o suprimento das suas necessidades (Couto et al., 2020). Assim, para terem alguns rendimentos, alguns destes trabalhadores tiveram de descobrir outra forma de trabalho, tendo alguns iniciado o trabalho sexual online (Passos & Almeida-Santos, 2020). Para além destas consequências, também o estigma e a discriminação parecem ter sido intensificados pela pandemia e isso verificou-se, principalmente, no aumento de experiências de detenções,

invasões das suas casas e locais de trabalho, violência e ameaças de deportação de trabalhadores migrantes (NSWP, 2020).

Assim, a COVID-19 veio intensificar a vulnerabilidade destes indivíduos e, consequentemente, mostrar a necessidade urgente de legalizar o trabalho sexual, bem como, de criar leis verdadeiramente iguais para todos, algo que já deveria existir visto a obrigatoriedade de respeitar, proteger e cumprir os direitos humanos, sem discriminações (UNAIDS, 2020).

2. Metodologia

2.1. Objeto e objetivos

A presente investigação tem como objeto de estudo as mulheres *stripteasers* e como objetivos: 1- Compreender as perspectivas das mulheres que desempenham *striptease* sobre as relações de poder existentes no clube em que trabalham; 2- Entender o trabalho emocional que efetuam; 3- Perceber o estigma experienciado por estas mulheres; 4- Conhecer as motivações para o desempenho de *striptease*; 5- Entender em que medida a COVID-19 teve impacto nas suas vidas.

2.2. Método

Tendo em conta os objetivos da presente investigação, optamos por utilizar uma metodologia qualitativa, uma vez que esta é apropriada quando os objetivos da investigação são entender o significado que os participantes do estudo dão aos eventos e experiências das suas vidas, compreender como perspectivam as suas ações, perceber o contexto em que agem e a forma como este contexto influencia as suas ações e, também, quando se procura assimilar o processo pelo qual os eventos e as ações acontecem (Maxwell, 1998).

A investigação qualitativa envolve uma abordagem interpretativa e naturalista do mundo, o que significa que o investigador estuda os objetos nos seus ambientes naturais, tentando perceber e interpretar um fenómeno através dos significados que os participantes lhe atribuem (Denzin & Lincoln, 2008). Segundo Creswell (2007), este tipo de metodologia possui um *design* emergente, no sentido em que pode ser alterado depois da entrada do investigador no terreno (e.g. mudança do método de recolha de dados), e possui um relato holístico, uma vez que o investigador tenta desenvolver uma imagem complexa do problema em estudo, e isso envolve a consideração de diversas perspectivas e a identificação de diversos fatores numa situação. O mesmo autor refere, também, que deve ser utilizada a metodologia qualitativa se a investigação tiver como um dos seus objetivos compreender um problema de forma complexa e detalhada, pois isto só pode ser alcançado ao comunicar com as pessoas no contexto no qual ocorre o fenómeno em estudo e ao dar-lhes uma oportunidade para relatarem as suas vivências. Em suma, foi utilizada a metodologia qualitativa porque, ao contrário da quantitativa, esta proporciona-nos uma compreensão mais rica sobre o comportamento humano, uma vez que o mesmo não pode ser compreendido sem referência aos significados que as pessoas dão às suas próprias ações e experiências (Guba & Lincoln,

1994). A própria palavra ‘qualitativa’ implica uma ênfase nas qualidades dos indivíduos e nos processos e significados que não são analisados ou medidos experimentalmente em termos de quantidade, intensidade ou frequência (Denzin & Lincoln, 2008), daí esta metodologia privilegiar um menor número de participantes, ao contrário da quantitativa.

Esta investigação teve, ainda, uma abordagem fenomenológica, dado que esta promove uma compreensão aprofundada sobre um fenómeno através das experiências de vários indivíduos (Creswell, 2007) e uma vez que procuramos perceber aprofundadamente as relações de poder no clube, o trabalho emocional efetuado, o estigma experienciado, as motivações para desempenhar *striptease* e o impacto da COVID-19 através das experiências e pontos de vista de várias participantes.

Geralmente as investigações qualitativas utilizam dados provenientes de vários métodos como de entrevistas, observação, documentos, entre outros (Creswell, 2007), pois a combinação de diferentes métodos num único estudo é entendido como uma estratégia que aumenta o rigor, a abrangência, a complexidade, a riqueza e a profundidade da investigação (Denzin & Lincoln, 2008), contudo, devido à limitação de tempo, neste estudo foram apenas utilizadas entrevistas como método de recolha de dados.

2.3. Participantes

Neste estudo participaram nove mulheres, seis das quais trabalham no mesmo clube na região norte de Portugal. Das restantes três, apenas uma continua a realizar *striptease*, sendo que as outras duas já não têm essa profissão. Quanto à nacionalidade, cinco das mulheres são portuguesas e as restantes quatro são: uma russa, uma alemã, uma ucraniana e uma de um país hispanófono. Relativamente à orientação sexual, a maioria (n=5) é heterossexual, sendo duas bissexuais e uma pansexual; uma das entrevistadas não nos forneceu informação relativa à sua orientação sexual. No que concerne à escolaridade, uma das entrevistadas concluiu o 6º ano de escolaridade, duas o 9º ano, duas o 12º ano, sendo que as restantes (n=4) frequentam ou frequentaram o ensino superior. Em relação à duração da sua atividade de *striptease*, esta oscila entre o mínimo de um ano (n=1) e o máximo de 16 anos (n=1), com uma média de 6 anos de atividade. Das entrevistadas que não praticavam *striptease* aquando da entrevista, uma desempenhou a atividade durante dois anos e outra durante quatro.

2.4. Instrumento

Para a recolha de dados, foram utilizadas entrevistas porque estas permitem compreender as experiências das pessoas e os significados que elas lhes atribuem (Quivy & Campenhoudt, 2018; Seidman, 2006) e porque proporcionam uma profunda compreensão do fenómeno em questão (Quivy & Campenhoudt, 2018). Estas caracterizam-se pela existência de contacto direto entre o investigador e o participante (Quivy & Campenhoudt, 2018) e podem ser estruturadas, semi-estruturadas ou não estruturadas (Lune & Berg, 2017). Neste estudo foram realizadas entrevistas semi-estruturadas para as quais foi previamente elaborado um guião com base na revisão da literatura efetuada e que contém cinco temas específicos a saber: 1- Impacto da COVID-19, no qual se procura perceber qual foi o impacto que a pandemia teve nas várias áreas das suas vidas; 2- Caracterização do *striptease* e das motivações das mulheres *stripteasers* procurando compreender as atividades por elas realizadas e o que as motivou e motiva a fazerem *striptease*; 3- Estigma, no qual se pretende compreender qual é a perspetiva das participantes acerca do estigma relativo ao *striptease* e de que forma lidam com ele; 4- Trabalho emocional, no qual se tenta compreender se este é utilizado pelas participantes e que consequências tem nelas; 5- Relações de poder no clube, o qual tem como objetivo compreender as relações de poder que existem dentro do clube de *striptease* (ver Anexo 1). Uma das características das entrevistas semiestruturadas é a possibilidade de se ser flexível, o que viabiliza efetuar as questões estruturadas sem impedir que se abordem outros aspetos importantes que surjam espontaneamente através do discurso da pessoa entrevistada, ou seja, é possível seguir o raciocínio do participante de forma a percebermos assuntos que ele considere importantes e que não conseguiríamos perceber se nos cingíssemos rigidamente ao guião elaborado (Lune & Berg, 2017).

2.5. Procedimentos

2.5.1. Procedimentos de recolha de dados

Encontrar a população-alvo deste estudo já sabíamos, à partida, que seria uma tarefa complicada visto tratar-se de uma população estigmatizada e caracterizada como oculta, contudo a pandemia tornou esta etapa ainda mais difícil. Inicialmente o objetivo era visitarmos um clube de *striptease* no norte de Portugal, em que uma das investigadoras desta pesquisa tinha um contacto prévio. No entanto, com a pandemia, com o encerramento temporário desse clube e com todas as medidas de segurança que foram impostas, esta visita acabou por ser adiada durante vários meses, sempre com o intuito de avaliar a evolução da pandemia e das medidas implementadas. Assim, foi necessário começar a definir alternativas

para a recolha de dados. Neste sentido, através de um contacto pessoal², conseguimos obter um primeiro contacto que constituiu assim a nossa primeira participante. Essa participante partilhou o contacto de mais uma colega que, por sua vez, nos facultou o contacto de uma terceira, numa amostragem em cadeia ou em bola-de-neve (*snowball sampling*). Assim, estas são as primeiras três participantes deste estudo, que ao contrário das restantes seis, não trabalham no mesmo clube, ou já não fazem *striptease*. Estas três entrevistas foram realizadas por videochamada e, com o consentimento das participantes, foi gravado o áudio das mesmas. Após estas entrevistas, tentamos obter mais contactos através destas participantes, bem como através de outros indivíduos que afirmavam conhecer pessoas no meio mas, apesar das muitas tentativas, acabamos por não conseguir obter mais participantes desta forma.

No dia 3 de julho, conseguimos visitar o clube de que falamos anteriormente pela primeira vez. Nesse dia, por sugestão do seu proprietário e gerente, fomos jantar ao restaurante que é anexado ao clube e que também tem *shows* de *striptease* durante a refeição, o que nos permitiu fazer alguma observação direta, assim como nos familiarizarmos com o ambiente e com as pessoas. Após a refeição e com o intuito de conseguirmos finalmente estabelecer contacto com as bailarinas e falarmos sobre a nossa investigação, deslocamo-nos para a parte do clube. Foi durante esta visita que estabelecemos o primeiro contacto com o dono do restaurante e do clube, que se demonstrou desde o início disponível para ajudar. Contudo, como se tratava de um sábado à noite, o espaço noturno estava cheio e, por isso, não conseguimos ter contacto com nenhuma das bailarinas. Assim, esta primeira visita apenas nos permitiu conhecer o espaço e perceber o funcionamento do clube de *striptease*. Após esta visita, tentamos agendar uma segunda com o intuito de recolher mais dados, o que acabou por ser adiado por mais algum tempo, de novo, por razões relacionadas com a COVID-19. A segunda vez que nos dirigimos ao clube foi no dia 3 de agosto e foi nessa data que conseguimos, finalmente, comunicar com as participantes e fazer as restantes seis entrevistas. As entrevistas foram realizadas no salão principal e, por isso, quatro delas foram efetuadas sem suporte de gravador devido ao ruído ambiente, contudo, ao transcrevermos tentamos ser o mais fiéis que as nossas memórias e as nossas anotações, que elas consentiram que fôssemos tirando, nos permitiram. A quinta entrevista efetuada no clube foi realizada no

² Esta investigação foi conduzida em paralelo com a de uma outra colega com o mesmo objeto de estudo e a mesma orientadora, sendo que os procedimentos de recolha dos dados foram comuns. Este primeiro contacto em específico foi efetuado pela colega que também estava a realizar a sua investigação com *stripteasers* femininas.

mesmo local, mas já foi possível utilizar o gravador, contudo, essa entrevista teve de ser interrompida duas vezes porque a bailarina foi chamada para ir fazer um *show* e posteriormente uma dança privada, o que impediu que a entrevista fosse terminada. A participante facultou-nos o seu contacto pessoal para entrarmos em contacto para marcarmos a continuação da entrevista por videochamada, no entanto, a mesma não demonstrou mais disponibilidade para tal. A sexta e última entrevista realizada no clube foi também interrompida uma vez, pois estava na hora de fecho, porém a bailarina forneceu também o seu contacto e, posteriormente, foi realizada a continuação da entrevista através de videochamada, que em ambas as partes teve o seu áudio gravado. As entrevistas tiveram durações variáveis entre 36 minutos e 1 hora e 8 minutos. É importante referir ainda que durante as duas visitas ao restaurante e clube realizamos observação como membro periférico (Adler & Adler, 2012), sendo que participamos nas atividades que se realizam no clube, como clientes regulares que consomem, veem o espetáculo e interagem com os bailarinos e bailarinas (no restaurante havia bailarinos de ambos os sexos) quando eles interagem connosco, contudo, como estivemos apenas cerca de 10 horas neste ambiente e os dados obtidos não foram relevantes para os objetivos da nossa investigação, decidimos não proceder à análise dos mesmos.

2.5.2. Procedimento de análise de dados

A análise de dados foi realizada utilizando a análise fenomenológica interpretativa (IPA), uma vez que esta se adequa ao que é pretendido com esta investigação, pois procura explorar em detalhe como os participantes percebem as suas experiências e o seu mundo social e como interpretam situações particulares com que se deparam (Smith & Osborn, 2003). Ou seja, esta análise foca-se nas experiências dos indivíduos, partindo do princípio de que esses indivíduos são peritos sobre essas mesmas experiências (Howitt, 2010), algo que é também a nossa premissa, pois julgamos que as pessoas mais adequadas para descreverem o fenómeno no qual esta dissertação incide são os seus atores principais, ou seja, as *stripteasers*.

Para realizamos esta análise, seguimos todos os passos sugeridos pelos autores Smith e Osborn (2003) e, portanto, começamos por fazer a análise individual de cada uma das entrevistas antes de partirmos para uma análise geral do seu conjunto. Para isso, cada transcrição de entrevista foi lida e relida com o intuito de nos familiarizarmos com os dados e de encontrarmos temas relevantes para a investigação naquilo que foi dito por cada participante. Para cada entrevista, após a identificação dos temas, procuramos por conexões

entre os mesmos e agrupamo-los em temas superordenados, organizando-os por ordem de relevância num sentido decrescente: Relações de poder no clube, Trabalho emocional, Estigma, Motivações para o *striptease* e Impacto da COVID-19. O próximo passo foi criar uma tabela de temas para cada participante, na qual são apresentados os temas superordenados, os temas que lhes pertencem e ainda um pequeno excerto da entrevista que ilustra o tema em questão. Após a criação das nove tabelas foi elaborada uma tabela final com a junção das várias participantes (Tabela 1). Finalizada esta etapa, e com o apoio das tabelas individuais, começamos a redação do texto no qual tentamos interpretar os significados atribuídos pelas participantes a cada experiência e, ainda, interligar com a literatura que havia sido revista numa fase mais inicial e ao longo do processo de elaboração desta dissertação.

Tabela 1

Tabela final de temas superordenados e temas

Temas superordenados	Temas	Excerto ilustrativo
Relações de poder no clube	Autonomia	“Quem define os limites sou eu, não é a gerente.” Entrevistada 3, L250
	Perceção de poder	“Se não puser lá os pés, a casa não trabalha amiga (risos).” Entrevistada 2, L580
	Assumir o controlo	“Quando eu não quero que me toquem, não digo logo que não quero. Tento utilizar estratégias mais subtis, como pegar na mão dele.” Entrevistada 7, L120
	Violência no clube	“Infelizmente, há bastantes pessoas que vão bastante alcoolizadas ou mesmo sob a influência de estupefacientes para os clubes, então às vezes há situações complicadas.” Entrevistada 1, L465
Trabalho emocional	Criação de personagens	“Se estivessem a pagar, eu era o que eles quisessem.” Entrevistada 2, L474
	Simulação de emoções e sentimentos	“Fingimos, eles não gostam de pagar para estarmos tristes.” Entrevistada 6, L72
	Impacto das simulações	“Manipulá-los geralmente não me afeta, mas por vezes sinto-me mal porque estou a fingir e a enganar alguns e sei que eles estão mal psicologicamente.” Entrevistada 7, L96
Estigma	Existência de estigma	“Sim, ainda existe muito tabu.” Entrevistada 1, L125
	Impacto do estigma e forma de lidar com ele	“Eu não falo para todo o mundo que eu trabalho aqui e nem é tanto por mim, porque eu sei o que faço aqui e o que não faço. Mas nem todo o mundo percebe isso, nem todo o mundo sabe.” Entrevistada 8, L65
Motivações para o <i>striptease</i>	Circunstâncias de início e motivações	“Necessidade de dinheiro rápido.” Entrevistada 3, L66

	Motivações para permanecerem	“Se te habituares a este dinheiro é difícil ir para um trabalho em que trabalhas muitas horas e ganhas pouco.” Entrevistada 6, L17
Impacto da COVID-19	Nível profissional	“(…) o clube onde me encontrava teve de fechar e isso levou a perda de rendimentos (…)” Entrevistada 7, L7
	Gestão do impacto	“Estive parada quando as casas fecharam e, como não há lay-offs nem subsídios, tive de procurar outro trabalho nesse tempo” Entrevistada 4, L7

3. Análise e Discussão dos Resultados

3.1. Relações de poder no clube

3.1.1. Autonomia

Ao contrário do que muitas vezes é pensado sobre o *striptease*, todas as entrevistadas referem que têm autonomia para definir o que fazem e os seus limites, sendo que o patrão ou gerente apenas lhes dizem quando têm de ir dançar:

Quem define os limites sou eu, não é a gerente. A gerente, a mim ou a qualquer outra, só tem que nos mandar fazer *show* e dançar e mandar-nos a uma mesa ou outra. De resto nós temos liberdade, se eu não quiser ir não vou, ninguém me pode obrigar. Só digo “Eu não quero ir ali”. (entrevistada 3)

As entrevistadas afirmam não haver consequências negativas por recusarem fazer alguma dança ou ir a uma mesa se o patrão ou gerente disserem para ir, apenas não ganham o dinheiro dessa atividade:

Relativamente à autonomia, eu é que decido o que faço, só faço o que quero, mas também não vou estar a recusar danças a clientes ou a estar na mesa com alguém só porque sim, tenho de ter alguma justificação válida. No entanto, se não quiser mesmo não sou obrigada a fazê-lo, simplesmente depois não recebo tanto dinheiro e é só nisso que saio prejudicada, basicamente. Porque nós recebemos aquilo que fazemos para além do dinheiro base diário. Se queremos receber mais temos de fazer mais. (entrevistada 7)

Contudo, elas também afirmam que há regras no clube e que não podem fazer mais do que aquilo que é permitido, pois se fizerem terão consequências, podendo mesmo chegar a ser despedidas:

Depois, a nível de danças privadas, já deixavam ao critério da bailarina. Mas se houvesse toque era um toque subtil, nunca havia qualquer tipo de contacto sexual, era proibido, extremamente proibido, porque é considerado prostituição e prostituição nos clubes de *strip* é proibido e, se fosse descoberto, a bailarina era despedida. (entrevistada 1)

Estes dados vão ao encontro da literatura que afirma que as *stripteasers* não são atrizes sem agência e que são elas que detêm o poder para definir as interações com os clientes (Erickson & Tewksbury, 2000). Podemos ver também que as participantes deste estudo, assim como as da investigação de Hanna (2013), consideram ser sujeitos independentes e não objetos submissos dos clientes. Estes dados são importantes para percebermos que a opinião de que têm autonomia para fazerem o que desejam e para negarem aquilo que não querem fazer é unânime entre as participantes desta investigação, o que demonstra que a assunção de que todas as *stripteasers* são indivíduos submissos dos

clientes está errada. No entanto, esta autonomia seria algo ilusório se fossem aplicadas sanções caso elas se recusassem a fazer algo, mas como podemos observar, as entrevistadas afirmam que isso não acontece, estando portanto realmente livres para tomarem as suas decisões.

3.1.2. Percepção de poder

Quanto ao poder dentro do clube, existem algumas divergências nos discursos das mulheres entrevistadas no que toca à sua distribuição. Por um lado, há quem considere que ele é apenas das *stripteasers*: “Se não puser lá os pés, a casa não trabalha amiga (risos). Tão simples quanto isso, a gerente pode querer abrir, se ninguém puser lá os pés como bailarina, não trabalha.” (entrevistada 2). Mas também há quem defenda que o maior poder é conferido ao gerente ou ao patrão:

Por isso o poder maior é o da gerência, porque tem de ter capacidade de resolver qualquer problema que surja durante o tempo de trabalho e é quem tem a última palavra sempre. Se o gerente disser “Não”, não adianta ir lá a *stripper* dizer que sim. Quem manda é o gerente, por isso o gerente é quem tem maior poder e depois, claro, vêm as *strippers*. (entrevistada 3)

Já a opinião de que o cliente nestes clubes não possui qualquer tipo de poder é unânime entre as participantes que abordaram esse tópico (n=5): “No clube nós é que temos o poder, eles não têm poder nenhum, apesar de nós lhes darmos essa sensação, mas a verdade é que os manipulamos para que eles gastem o dinheiro cá. Enganamos por dinheiro” (entrevistada 7); “Os clientes não têm poder nenhum, estão lá dentro é para pagar, ponto, não querem pagar, não querem dar dinheiro, adeus. Não lhes podes dizer isso na cara, não é? Mas por meias palavras é o que tu dizes.” (entrevistada 2); “Os clientes então não têm poder nenhum.” (entrevistada 3).

Assim, segundo a entrevistada 1, a hierarquia tem no seu topo o patrão ou o gerente, que é seguido pelas *stripteasers* e só no final da pirâmide é que se encontram os clientes:

O gerente ou o patrão, quando o patrão não está, é o gerente que assume. Porque é quem orienta, no fundo, as bailarinas. Ou seja, as bailarinas, normalmente, têm sempre muita liberdade para recusar ou para aceitar os serviços. Os clientes têm uma certa liberdade de acordo...ou seja, eu vejo as coisas desta forma, é clientes, bailarinas e gerente. Porque, por exemplo, há bailarinas que têm um método de trabalho que pode não ir de acordo com os objetivos do clube e se o gerente vir isso, o gerente diz “não podes fazer isso” e a bailarina ou aceita ou então é despedida. Portanto, normalmente, quem tem sempre mais poder entre aspas é o gerente, sim. Mas o gerente também não nos podia obrigar a algo que fosse contra a nossa integridade.

No entanto, a entrevistada 9 que é de nacionalidade russa refere que apesar de em Portugal serem as *stripteasers* a deter o poder, isso não é uma verdade universal:

Acho que são sempre as raparigas. Porque são a parte que faz todo o trabalho, que faz as coisas acontecer, porque sem as raparigas não haveria nada. Mas depende dos clubes e depende dos países, porque nos clubes russos, por exemplo, é tudo feito para os clientes, não para as raparigas. Mas nos clubes ocidentais, não se importam de todo com os clientes, as raparigas podem fazer o que quiserem, dizer o que quiserem, desde que façam dinheiro para o clube, eles estão sempre do lado da rapariga e se o cliente não gostar de algo os seguranças colocam-no fora. As raparigas fazem o negócio todo, então é justo.

A grande maioria destas entrevistadas chega mesmo a considerar que o *striptease*, comparando com outros empregos que já tiveram, é o trabalho que lhes permite ter mais poder e maior controlo sobre as suas decisões e ações:

Tens mais poder como *stripper* do que noutro trabalho qualquer. Por exemplo, trabalhar entre bar ou *stripper*, tens muito mais poder como *stripper*. Se eu quiser mandar um cliente f*, eu posso, dizer mesmo na cara ‘olha e ires f*-te, não?’. Já cheguei a virar-me para um cliente e dizer ‘olha queres que te dê a mãozinha para te levar à porta? Está a ser assim tão complicado? Queres um mapa?’, já cheguei a dizer isto a clientes, por isso. Se eu quiser mandá-los f*, ninguém me vai dizer nada. Tem muito mais poder, tu controlas o que tu fazes e o que queres fazer e como queres fazer, é o teu controlo. (entrevistada 2)

Porque não é tão convencional e como não é tão convencional acabamos por ter mais poder porque podemos falar de assuntos que, normalmente, não se podem falar em público porque as pessoas ficam chocadas, a gente pode falar de tudo. Ou seja, agora nada me é proibido e tudo me é permitido. (entrevistada 3)

Já tive outras profissões, como traficante, já trabalhei num ginásio e outras, e acredito que esta é a que dá mais controlo no sentido que sou eu que decido o que faço e faço os meus horários. E também me dá mais dinheiro, dando mais independência. (entrevistada 7)

Com a mesma perspetiva, a entrevistada 6 afirma: “Tenho mais controlo aqui do que quando trabalhava no bar. Decido se venho trabalhar ou não e quando tenho férias. E estou no controlo do que ganho, como é com comissões, ganho o que trabalho”.

Algo que por vezes é utilizado para dizerem que as *stripteasers* são figuras sem poder e oprimidas é a exploração, ou seja, dizem que estas são exploradas e não recebem o valor monetário justo, contudo, as duas participantes que referiram este tema não concordam com esta perspetiva: “O dinheiro que recebo é justo porque recebo aquilo que faço, quanto mais conseguir fazer e manipular, mais recebo.” (entrevistada 7).

Estas afirmações demonstram que a maioria das participantes deste estudo consideram o *striptease* um trabalho onde possuem poder, visto acreditarem que sem elas o

clube não pode funcionar, visto controlarem o que ganham e o que fazem, por poderem decidir os seus horários, por obterem mais dinheiro e isso proporcionar-lhes mais independência, por poderem insultar um cliente se assim lhes apeter, por conseguirem uma maior quantidade de dinheiro através de manipulação e por poderem fazer o que quiserem porque nada lhes é proibido. Estes dados vão de encontro ao que Deshotels e Forsyth (2006) descobriram através do seu estudo, pois também as suas participantes dizem sentir poder na relação com os clientes, por os conseguirem manipular para atingirem os seus objetivos. Por sua vez, Hanna (2013), afirma que as *stripteasers* que conheceu se sentiam também empoderadas pelo facto de conseguirem independência económica, assim como as deste estudo. Algo que também as faz sentir empoderadas é o facto de saberem que sem elas o clube não pode funcionar e isso é algo que as participantes dos estudos de Bruckert (2002) também afirmam. Podemos, também, verificar que a maioria das nossas participantes, à semelhança de algumas do estudo de Deshotels e Forsyth (2006), consideram o *striptease* o trabalho mais empoderador que já tiveram. É, ainda, importante ressaltar que o que foi dito pela entrevistada 3, e que se encontra no excerto acima, é também reconhecido por Johnson (1999) que fez *striptease* e que considera que no clube alcançou a liberdade de ação que não conseguia noutros locais. Por fim, referimos que o facto de elas não se sentirem exploradas e considerarem o valor que ganham justo, é algo que também é afirmado na literatura (Bruckert, 2002).

Assim podemos ver que na perspetiva destas mulheres, e ao contrário do que poderá ser percecionado por muitas pessoas, elas detêm o poder, elas não são pessoas sem agência, não são objetos passivos dos clientes, nem se consideram exploradas. O excerto abaixo citado demonstra o que algumas bailarinas sentem em relação ao *striptease*: “Para mim não é arte. Talvez a parte da dança sim, mas o resto é tirar dinheiro de gente estúpida. Um modo fácil de pagar as contas. Eles pagam para lhes elevarmos o ego.” (entrevistada 6).

3.1.3. Assumir o controlo

De forma a assumirem o controlo nas interações com os clientes, as *stripteasers* entrevistadas referem algumas estratégias que utilizam. Há participantes que dizem diretamente aos clientes aquilo que aceitam ou não, expressando logo os seus limites:

No que toca à integridade física, eu sempre tive este tipo de diálogo que é ‘olha, eu tenho os meus limites, se os respeitares vai correr tudo bem, se não os respeitares primeiro eu vou-te avisar e depois se voltares a não respeitar eu vou ter de chamar o segurança e mesmo que estejas a pagar’...normalmente era sempre pré-pagamento...’mesmo que já tenhas pago e o tempo ainda não tenha terminado, não

há devoluções não há nada, desrespeitaste’. Portanto, eu sempre fui muito transparente, muito direta, sempre foi a minha estratégia entre aspas. (entrevistada 1)

Contudo, algumas confessam utilizar estratégias mais subtis para controlarem a interação e para não demonstrarem aos clientes que eles apenas fazem aquilo que elas permitem: “Aprendes a mover-te e a dançar de forma a eles não te tocarem. Digo diretamente para não me tocarem nas partes íntimas e durante a dança uso estratégias para controlar o toque.” (entrevistada 6). Estas estratégias também são visíveis na seguinte citação:

Quando eu não quero que me toquem, não digo logo que não quero. Tento utilizar estratégias mais subtis, como a pegar na mão dele. Se lhe disser de forma direta ele não vai querer estar mais comigo e vou perder um cliente e dinheiro. Para aumentar o meu controlo nas interações com os clientes, finjo. Digo-lhe que é especial, faço com que ele se sinta assim e ele acredita. (entrevistada 7)

Esta forma mais subtil de lidar com a situação, dá a entender que algumas participantes utilizam aquilo a que Bruckert (2002) descreve como *hidden transcript* e *public transcript*, uma vez que tentam demonstrar aos clientes que eles têm poder, sabendo que eles não o têm na realidade, e ao mesmo tempo utilizam estratégias para que eles façam apenas o que elas querem que eles façam. Para além disso, o que a entrevistada 7 refere sobre dizer-lhe que ele é especial e fazê-lo sentir-se desse modo é também referido por Ronai e Ellis (1989) como uma estratégia para assumir o controlo da interação e posteriormente aumentar os ganhos, fazendo isto parte do trabalho emocional como vimos acima. Os autores referem também que elas conseguem controlar o comportamento dos clientes de forma subtil ao, por exemplo, fazerem com que eles mantenham contacto visual pois, dessa forma, demonstram interesse e podem conseguir evitar alguns toques físicos, o que se assemelha ao que profere a entrevistada 7.

Contudo, é possível perceber que nem todas utilizam estratégias subtis e preferem explicar logo como funciona o seu trabalho e mostrar que se fizerem algo que elas não querem podem chamar o segurança, ou seja, demonstram desde o início que eles não têm poder algum e que tudo depende delas. Isto demonstra que nem todas as *stripteasers* adotam os *hidden* e *public transcript*, apenas utilizam o *hidden transcript* mas tornam-no público desde o início.

3.1.4. Violência no clube

O tema da violência no clube foi falado por oito das nove entrevistadas e apenas uma das oito referiu que nunca assistiu a violência nos clubes onde trabalhou. As restantes afirmam que apesar de já terem visto episódios de violência nos clubes, nunca tinham sido

elas as vítimas, à exceção de uma que, por ver uma colega a ser agredida, foi ajudá-la e acabou também ela por sofrer agressões:

Eu assisti e participei numa em que uma bailarina foi agredida e foi uma mulher, nem foi por um homem, ah não foi agredida por uma mulher e por um homem, em plena sala. Eu, como vi, não consegui ficar parada, pronto, fui tentar ajudar a bailarina. (entrevistada 1)

As participantes afirmam que a violência geralmente ocorre porque os clientes costumam estar sob o efeito de substâncias psicoativas: “Infelizmente, há bastantes pessoas que vão bastante alcoolizadas ou mesmo sob a influência de estupefacientes para os clubes, então às vezes há situações complicadas.” (entrevistada 1). No entanto, também dizem que mal há violência que envolve os clientes, estes são logo expulsos:

Quando é entre bailarinas, às vezes o proprietário faz algo, outras vezes não se mete. Às vezes, pagam-se penalidades. Quando é com clientes, tentam pô-los na rua, mas não podem propriamente chamar a polícia. Às vezes, batem-lhes e põe-nos fora. (entrevistada 6)

É afirmado, ainda, que nos clubes existem botões de pânico para que as bailarinas possam utilizar se sentirem perigo: “Existe um botão de pânico sempre, em todos os clubes tem botão de pânico.” (entrevistada 2)

O facto de sete das nove entrevistadas terem referido que assistiram a episódios de violência nos clubes, demonstra que o *striptease* pode ser uma ocupação perigosa, como é referido por Bruckert (2002). Contudo, as leis dos clubes que estas participantes conhecem, são a seu favor e sempre que algum tipo de violência é exercido, os clientes são expulsos, mostrando que a violência não é permitida nem tolerada. Assim, podemos inferir que os testemunhos das participantes deste estudo não corroboram aquilo que Holsopple (1998) afirma, pois o *striptease* não é fundado de acordo com a dominância masculina nem normaliza a violência contra a mulher, antes pelo contrário, condena-a. No entanto, nem só por parte dos clientes existe violência e, por vezes, como é referido também pelas nossas participantes, existe violência entre bailarinas, que pode ser combatida através do pagamento de multas. Esta violência entre bailarinas pode ser explicada pelo cariz competitivo da ocupação (Bruckert, 2002), pois estas para ganharem mais dinheiro têm de fazer mais serviços e para isso têm de conquistar mais clientes, o que significa que, por vezes, podem ter de competir por eles.

3.2. Trabalho emocional

3.2.1. Criação de personagens

Aquando das entrevistas, algumas participantes revelaram que fingem ser como os clientes querem que elas sejam, que utilizam personagens, de modo a satisfazerem as suas fantasias. Desta forma, eles tornam-se mais fáceis de manipular e, conseqüentemente, é mais fácil obter uma maior quantidade de dinheiro: “Se estivessem a pagar, eu era o que eles quisessem. Se não estivessem, não, não tenho tempo para isso” (entrevistada 2); “Sim, ainda agora fingimos que éramos casadas porque ele gostava disso e conseguimos que ele pagasse um privado juntas.” (entrevistada 5). Contudo, nem todas o fazem, sendo que algumas afirmam não ter paciência para isso: “Não visto personagens, dão muito trabalho, iam-me fazer pensar muito” (entrevistada 3).

De acordo com Bruckert (2002), ao se adaptarem a papéis e ao agirem de acordo com o que eles desejam, as *stripteasers* estão a realizar trabalho emocional. O objetivo deste trabalho emocional, como dá para perceber pelos excertos colocados acima, é facilitar o seu controlo sobre os clientes, manipulá-los e fazer com que eles gostem delas, sendo a grande finalidade obter uma maior quantidade de dinheiro. Deshotels e Forsyth (2006), por sua vez, definem estes comportamentos de demonstrar disponibilidade erótica e de manipular e satisfazer as fantasias dos clientes como *strategic flirting*. Contudo, como também é possível verificar, nem todas o fazem, mostrando que, ao contrário do que pode ser pensado, nem todas as *stripteasers* têm a mesma forma de trabalhar e de convencer os clientes a gastarem dinheiro no clube e especificamente com elas.

3.2.2. Simulação de emoções e sentimentos

Para além de adotarem personagens para satisfazerem as fantasias dos clientes, as participantes referem ainda que, por vezes, têm de suprimir as suas emoções e sentimentos negativos para conseguirem trabalhar, dando a justificação de que, desta forma, estão a ir ao encontro daquilo que é desejado pelos clientes: “Fingimos, eles não gostam de pagar para estarmos tristes. Tens de fazer a festa para eles fazerem a festa. Tens de os entreter.” (entrevistada 6).

Por outro lado, há quem refira que também podem fingir que estão tristes, para demonstrarem empatia para com os clientes e para com aquilo que eles lhes estão a confidenciar: “Sim, tens que rir e conversar com eles, eles estão a pagar. Às vezes também se põem para aqui a chorar e tens que parecer mais triste. Depende do que eles quiserem.” (entrevistada 4).

A maior parte das entrevistadas refere também que, para além de suprimir sentimentos, finge que os clientes são interessantes se eles pagarem: “Fingimos se eles pagarem. Eles têm de se sentir especiais” (entrevistada 6).

A entrevistada 7, no mesmo sentido, afirma:

Às vezes finjo que eles são os homens mais interessantes de sempre, que são os meus preferidos, que me estou a apaixonar, mostro interesse no que eles dizem, tudo para que eles se sintam especiais e para que assim gastem mais dinheiro e voltem ao clube. Nós fazemos com que eles acreditem que estão no controlo, mas no fundo eles sabem que não estão (...) A noite é uma ilusão. Ninguém é verdadeiro.

Contudo há quem diga que não consegue fingir que está a achar uma pessoa interessante se ela não for e que acaba por lhe dizer diretamente, saindo da mesa e talvez acabando por perder oportunidade de fazer mais dinheiro:

Depois há aquelas pessoas que abrem a boca e não dizem nada. Eu sou um bocadinho mazinha que eu pergunto ‘Não tens nada interessante para dizer, então não vale a pena dizeres nada’. Não consigo, é mais forte do que eu (risos), não consigo. Às vezes dizem-me ‘Fogo, se tivesses ficado ali mais um bocadinho tinhas ganho mais dinheiro’, mas eu não aguento, não tenho paciência, venho logo embora (risos), não aguento. Eu tenho mau feitio, não aguento, quando a conversa não me diz nada não vale a pena. (entrevistada 3)

Suprimir e forjar sentimentos bem como fingir interesse pelos clientes, como as participantes referem que fazem para que os clientes se sintam bem e especiais e, consequentemente, paguem serviços, é também considerado trabalho emocional (Hochschild, 1983). Na investigação de Wood (2000), uma participante revelou que suprimia sentimentos para conseguir fingir interesse pelos clientes de modo a que estes quisessem a sua companhia e lhe pagassem pelas suas atividades, o que vai ao encontro daquilo que as nossas entrevistadas também afirmam. Também as afirmações da participante 4 sobre simular tristeza para demonstrar empatia e preocupação pelo cliente, corroboram a literatura quando diz que a aparência de preocupação é algo que também é comprado e daí elas terem de mostrar-se preocupadas e interessadas (Bruckert, 2002). Contudo alguns autores defendem que o trabalho emocional pode ser prejudicial para a vida destas mulheres e, por isso, é algo que procuraremos perceber na próxima secção.

3.2.3. Impacto das simulações

Quanto ao impacto de fingirem ser quem não são, ou mesmo de fingirem sentimentos e interesse, a maioria das participantes refere que considera que ele não existe: “Enquanto separares os papéis de ti própria é ok, não podes é deixar afetar-te.” (entrevistada 5). De igual forma, a entrevistada 2 afirma:

Nem por isso, não não. Também nunca me senti mal por fazê-lo, porque quem vai lá já vai para uma coisa, já vai porque quer uma coisa. Se não fores tu a fazer, vai ser outra pessoa a fazer aquele jogo, por isso.

Contudo nem todas pensam da mesma forma e algumas consideram que estas simulações podem acabar por ter um impacto negativo: “Não sei, se calhar sim porque é estar a guardar sentimentos, reprimir, então chega a um momento em que... [explode] (...) É mais tipo tristeza, sabes?” (entrevistada 8). Também a entrevistada 3 tem a mesma perspetiva:

Em termos da minha personalidade tem. Porque eu sou muito direta. Aquilo que tenho a dizer digo, aquilo que penso digo e se eu tiver de fingir alguma coisa, em termos da minha personalidade vai-me afetar ou em termos da minha consciência vai-me afetar. Por isso, eu optei que não tenho de usar subterfúgios. Não tenho que entrar em personagens, não tenho que enganar ninguém. Eu sou quem sou, gosta gosta, ótimo, não gosta temos pena.

Por sua vez, uma participante referiu tanto pontos negativos como positivos deste trabalho emocional. Esta referiu que este, juntamente com outros eventos da sua vida, acabou por torná-la uma pessoa mais fria e manipuladora e que, por vezes, se sente mal por saber que está a enganar pessoas que já estão mal, para conseguir mais dinheiro. Contudo, acredita que o mesmo também lhe permitiu adquirir capacidades valiosas para a vida fora do clube:

Manipulá-los geralmente não me afeta, mas por vezes sinto-me mal porque estou a fingir e a enganar alguns e sei que eles estão mal psicologicamente. Mas eu também me tornei uma pessoa mais fria e manipuladora e não consigo ser verdadeira com ninguém, não consigo mostrar o meu verdadeiro eu. Mas não foi só pelo *striptease*, foi por tudo o que já vivi. Eu já trafiquei droga e isso também muda as pessoas. Mas o facto de fazer *strip* e de aprender a manipular qualquer pessoa, fez-me ter mais capacidades para conseguir o que quero lá fora, no mundo fora daqui e agora consigo manipular as pessoas e consigo facilmente aquilo que quero. Tenho mais ‘lábria’, consigo gerir as situações para que me sejam favoráveis. (entrevistada 7)

Estas consequências negativas apontadas pelas entrevistadas vão ao encontro do que diz a literatura, pois também Bruckert (2002) refere que o facto de estarem constantemente a fingir serem quem não são e de terem de suprimir sentimentos e emoções pode trazer consequências negativas para as suas relações pessoais, algo que é visível nas afirmações feitas pela entrevistada 7. Também o facto de esta participante, por vezes, se sentir mal por estar a enganar pessoas que ela, à priori, sabe que estão infelizes, para conseguir mais dinheiro, assemelha-se ao que Deshotels e Forsyth (2006) referem sobre algumas *stripteasers* apresentarem um sentimento de culpa por estarem a ganhar poder à custa da perda do outro.

Contudo, como é visível, nem todas consideram que o trabalho emocional desencadeia consequências negativas e, portanto, apenas retiram coisas boas dele, mostrando que nem todas as *stripteasers* pensam da mesma forma, que nem todas têm as mesmas experiências e que nem tudo é tão objetivo e simples como pode aparentar ser. Para além disso, é relevante refletir também sobre os pontos positivos que a entrevistada 7 apresenta, pois esta considera que, apesar de ter alguns pontos negativos, as capacidades que adquiriu através do trabalho emocional que efetua no clube são algo vantajoso para ela no mundo exterior.

Algo curioso de se ver nesta análise é que, apesar de nem todas as participantes adotarem personagens ou de nem todas fingirem que consideram um cliente interessante, todas afirmam que já fingiram que estavam felizes, ou seja, é algo comum a todas. Isso leva-nos também a refletir que suprimir ou induzir sentimentos é algo que todos fazemos em momentos da vida, não sendo algo específico e apenas inerente ao *striptease*, mas ao ser humano no geral. Também uma entrevistada acaba por referir isso:

Mas isso é uma coisa que nós fazemos no dia a dia independentemente da profissão que temos... Por isso, não tem a ver com o facto de eu ter a profissão que tenho, tem a ver com o facto que é a uma das nossas defesas, o sorrir, porque os outros não têm de saber os nossos problemas, muito menos têm que os aguentar quando não lhes diz respeito, não é? (entrevistada 3)

É relevante ainda referir que esta participante, a entrevistada 3, foi uma das que disse que não forja personagens nem finge interesses e foi também uma das que referiu consequências negativas de fingir. Esta participante faz *striptease* há 16 anos, sendo a nossa participante que exerce a profissão há mais tempo. Estes dados poder-nos-iam levar a refletir e a pensar: Será que como ela é mais experiente, já teve tempo de verificar o impacto de fingir e é por isso que não o faz? Será que quando as restantes tiverem tanto tempo de trabalho quanto ela, vão sentir-se da mesma forma? Contudo, a participante 6, já faz *striptease* há uma quantidade de anos considerável, 10 anos, e esta não considera que fingir tenha impacto. Assim, só podemos concluir que cada uma destas mulheres experiencia as situações de forma diferente, podendo atribuir-lhes significados também diferentes.

3.3. Estigma

3.3.1. Existência de estigma

No que concerne ao estigma relativo ao *striptease* e, sobretudo, às pessoas que o desempenham, oito das entrevistadas defendem que este existe e tanto percecionam o processo de estigmatização vindo da sociedade no geral, como dos próprios clientes que

frequentam o clube. No que se relaciona ao estigma por parte da sociedade, as mulheres entrevistadas consideram que o que está na sua base é o desconhecimento sobre o que implica o *striptease*. De acordo com elas, a sociedade estigmatiza o *striptease* e as pessoas que o praticam porque, não sabendo exatamente em que consiste, o confundem com a prostituição. Assim, o estigma que recai sobre as pessoas que fazem prostituição acaba também por ser aposto às *stripteasers*, apesar de se tratar de atividades diferentes: “Há, mas isso por uma razão muito simples, porque a maior parte das pessoas não faz a mínima ideia do que é que se passa e o que é que é trabalhar num bar de *strip*, compreendes?” (entrevistada 2); “(...) porque confundem *striptease* com prostituição e uma coisa não tem nada a ver com outra, por isso, sim existe estigma, existe preconceito.” (entrevistada 3).

Já quanto aos clientes, este estigma estará, segundo elas, relacionado com a objetificação que estes lhes dirigem: “(...) eles vêem-te como um objeto” (entrevistada 5). Ainda relativamente ao processo de estigmatização por parte dos clientes, algumas participantes referem que este também pode estar relacionado com o comportamento de algumas *stripteasers*, que acusam de ter interações sexuais com os clientes, mesmo quando estas não são permitidas no clube. Desta forma, os clientes associam *striptease* com prostituição e generalizam estes comportamentos a todas as mulheres que fazem *striptease*:

Também tenho muitas colegas que denigrem a minha profissão. Como pode imaginar, em todo o lado há sempre, como é que eu vou dizer, maçãs podres, pronto. Eu já ouvi muitas vezes a frase ‘Tudo tem um preço’ e eu respondo que eu não tenho. Eu sei que há quem tenha, mas eu não tenho. (entrevistada 3)

Uma entrevistada refere, ainda, que existe estigmatização porque o *striptease* envolve o corpo da mulher que ainda é visto como um tabu:

Sim, ainda existe muito tabu. Eu sempre vi o trabalho como um trabalho como outro qualquer, claro quando é feito de forma digna e não são quebradas as regras que são estipuladas, como em qualquer emprego. Eu sempre vi como um trabalho como outro, simplesmente tem algo que é visto com muito tabu, que é o corpo da mulher. (entrevistada 1)

Apenas uma das participantes considera que o *striptease* não é estigmatizado. Esta mulher acrescenta ainda que, atualmente, a sociedade começa a perceber este trabalho como normativo, o que é mais notório, segundo ela, nas pessoas mais jovens (“um trabalho que está a virar normal” - entrevistada 4).

Estes dados mostram-nos aquilo que dizem Skipper e McCaghy (1970), quando afirmam que o *striptease* é estigmatizado porque ainda se considera o corpo feminino algo

sagrado e que não deve ser revelado a outras pessoas, ou ainda o que dizem as entrevistadas de Bruckert (2002), sobre o estigma estar relacionado com o facto de as pessoas não diferenciarem *striptease* de prostituição. Vão ainda ao encontro do que é mencionado pela mesma autora, quando afirma que o estigma pode vir direccionado dos clientes quando estes perguntam às *stripteasers* o seu preço, partindo do princípio de que estas também fazem prostituição.

Como visto, apenas uma participante considera que o *striptease* não é estigmatizado, contudo ela afirma também que, antes de ter começado a fazer *striptease*, ela própria era preconceituosa por falta de informação (algo que é visto por outras participantes como a fonte da estigmatização) e refere que a sua família não tem conhecimento da profissão pois, se soubesse, deserdavam-na. Ou seja, apesar de a participante afirmar que o *striptease* não sofre estigmatização, ela própria omite essa informação da sua família, pois acredita que eles não reagiriam bem se tivessem conhecimento, provavelmente por eles próprios estigmatizarem a profissão. Assim, podemos concluir que a participante, apesar de dizer o contrário, age de acordo com a existência de estigma e de forma a não sentir o impacto deste.

3.3.2. Impacto do estigma e forma de lidar com ele

Quanto ao impacto que o estigma tem nas suas vidas, nem todas têm a mesma perspectiva. Algumas afirmam que o estigma não tem um grande impacto em si, no entanto, referem que não contam a sua profissão a toda a gente que conhecem:

No geral não me afeta muito, mas não posso contar à minha família nem a algumas pessoas e isso faz com que me afaste de algumas pessoas, ou seja, conto apenas a um círculo de pessoas reduzido e de confiança e assim não tenho de lidar com a opinião das outras pessoas (...) Não conto às pessoas de fora do clube o que faço porque não quero ser julgada, mas às vezes torna-se complicado porque me perguntam como é que consigo tanto dinheiro e eu tenho de inventar. (entrevistada 7)

O facto de não revelar a toda a gente que conhece a sua profissão, faz com que, como disse a entrevistada 7, por vezes se tenha de afastar de algumas pessoas. Assim, podemos considerar que esta omissão pode trazer consequências negativas. Esta participante não é a única que refere essa consequência negativa da omissão da ocupação:

Eu não falo para todo o mundo que eu trabalho aqui e nem é tanto por mim, porque eu sei o que faço aqui e o que não faço. Mas nem todo o mundo percebe isso, nem todo o mundo sabe. Então a gente ainda acha que as *strippers* são... é assim, é muito complicado, sabes. Porque eu às vezes até evito falar com a gente porque ‘Ah, então, em que é que tu trabalhas?’ e eu ‘Trabalho num restaurante’ (risos). Pá, falo qualquer coisa. Tem gente de confiança, que aí sim eu digo, e também já sabem como funciona, então pronto, mas sim, é chato. (entrevistada 8)

Três participantes, por sua vez, referem que inicialmente o estigma e o preconceito as afetavam, mas que, com o tempo, estes deixaram de ter impacto nas suas vidas:

Já me afetou, mas já não me afeta. Para já porque eu sei o que é que faço, sei quem sou e a opinião dos outros a mim não me diz absolutamente nada. Se eu tivesse qualquer problema com a minha profissão, a minha família nunca saberia o que eu faço e a minha família sempre soube e sempre me apoiaram, porque se era aquilo que eu queria fazer. (entrevistada 3)

Por outro lado, há quem refira ainda que nunca sentiu qualquer impacto pelo preconceito e estigma e, desse modo, nunca precisou de usar estratégias para lidar com eles: “(...) nunca deixei que tivesse [impacto] (...) eu sempre disse o que fazia, ponto, não gostas, a porta está ali, é serventia da casa meu amigo, é para o lado que durmo melhor.” (entrevistada 2).

O facto de algumas participantes afirmarem que apenas contam a algumas pessoas a sua ocupação para que não sejam julgadas, mostra que estão a utilizar aquilo a que Goffman (1963) chama de divisão do mundo social, que é uma estratégia para lidar com o estigma. Ou seja, de forma a lidarem com uma característica estigmatizante, estas mulheres utilizam estratégias como a divisão do mundo social em duas categorias, sendo que uma categoria engloba um pequeno número de pessoas a quem revelam uma característica estigmatizante, neste caso a sua profissão, e na outra categoria estão todas as outras pessoas a quem ocultam essa característica. Contudo, é possível perceber que esta estratégia acaba por trazer algumas consequências para a vida destas mulheres, pois algumas afirmam que acabam por se afastar de algumas pessoas, perdendo laços. Assim, resta-nos refletir sobre esta forma de lidar com o estigma pois, como também é afirmado por Bruckert (2002), estas estratégias, apesar de terem a sua eficácia, podem trazer consequências negativas para quem as utilizam e não ajudam no combate à raiz do problema, nem se impõem contra a falta de aceitação e contra o tabu pelo qual o corpo feminino e a sua sexualidade estão envolvidos. Por sua vez, há quem não se deixe afetar pelo preconceito e estigma que existem e não se preocupe em revelar a sua profissão, pois considera que a opinião dos outros não tem relevância, mostrando aqui, mais uma vez, que pessoas diferentes atribuem significados diferentes às mesmas experiências, daí a relevância de ouvir cada um individualmente.

3.4. Motivações para o *striptease*

3.4.1. Circunstâncias de início e motivações

Através das entrevistas realizadas verificamos que as participantes desta investigação iniciaram o seu desempenho de *striptease* em alturas diferentes da vida e em circunstâncias bastante díspares, mas o fator motivador no geral foi o monetário. Uma entrevistada afirma que começou a fazer *striptease* pois, para si, esse trabalho era igual aos outros e tinha o benefício de receber uma grande quantidade de dinheiro pelos seus serviços:

E, lá está, a maior parte do pessoal que começa a trabalhar em casas de *strip* é mais ou menos por isso, é tipo ganha-se bem, mostras as mamas... eu mostro as mamas de borla a muita gente quando eu estou bêbada... então, porque não? (entrevistada 2)

Por sua vez, a entrevistada 3 refere que precisava de dinheiro pois tinha filhos para criar e, como não estava a conseguir encontrar um emprego, o *striptease* foi a sua única opção: “Necessidade de dinheiro rápido. Pós divórcio, dois filhos para criar. Já não era fácil arranjar trabalho, então tive de ter uma opção”.

A dificuldade em encontrar emprego não surgiu apenas na vida da entrevistada 3, sendo esse o fator que motivou mais duas participantes a iniciarem a sua carreira neste ramo. Há quem afirme, também, que sabia que o *striptease* lhe podia fornecer independência financeira e essa foi a grande motivação para iniciar o seu desempenho:

Isto foi uma altura da minha vida bastante controversa porque eu tinha acabado de fazer 18 anos e estava bastante revoltada com a minha família onde eu estava a viver, então a minha maior vocação para ter começado a trabalhar foi sair de casa, juntar dinheiro para sair de casa e para pagar os meus próprios estudos, que eu pensava que não iria ter apoio dos meus familiares. (entrevistada 1)

Esta participante, durante a entrevista, refere também que não só o fator monetário a fez procurar o *striptease*, mas também o seu gosto pela dança: “Uma das principais razões para eu ter começado a trabalhar como *stripper* foi mesmo o gosto pela dança”.

Contudo, nem todas as participantes começaram a fazer *striptease* porque procuraram esse emprego. Na verdade, uma concorreu através de um anúncio que não era explícito acerca daquilo que tinha de fazer mas, quando chegou ao respetivo local, experimentou e verificou que o dinheiro que conseguiria obter através daquela profissão poderia assegurar a sua independência, daí a sua permanência no ramo até aos dias de hoje: “Eu era dançarina e quando vi o anúncio pensei que era para isso, não tinha percebido que era para fazer *striptease*. Quando percebi que era para *stripper*, experimentei e vi que o dinheiro que recebia me permitia ser independente.” (entrevistada 5).

Também a entrevistada 9 afirma que apenas começou a trabalhar como *stripteaser* porque foi enganada por uma agência que lhe disse que apenas teria de socializar e beber com clientes, no entanto, esta admite que, ao experimentar, acabou por gostar do trabalho e do dinheiro que conseguia obter:

Primeiro foi porque uma agência me mentiu e eu era suposto ir trabalhar apenas para falar e beber com pessoas, então era mentira. Quando cheguei não estava de todo preparada, eu cheguei, mandaram-me dançar. Mas depois eu gostei da experiência, foi uma grande experiência de aprendizagem. Depois disso comecei a procurar trabalhos como bailarina porque gostei deste tipo de dança, é forte, envolve muita força muscular, e eu gosto. E eu também adoro vendas e a possibilidade de viajar e ver novos países, de ver o mundo. E de fazer muito dinheiro, claro.

Ao longo destes vários excertos, conseguimos perceber que, apesar de terem objetivos diferentes (e.g. criar os filhos, estudar), todas as participantes apresentam o fator monetário como a grande motivação para iniciarem o desempenho de *striptease*, algo que corrobora a literatura existente (Barton, 2002; Skipper & McCaghy, 1970; Sweet & Tewksbury, 2000)

3.4.2. Motivações para permanecerem

No geral e como visto, o fator motivador para início foi o fator monetário e este é também o que lidera as motivações para permanecerem no ramo, sendo que todas referem que a quantidade de dinheiro que ganham é um dos fatores que as motiva a continuarem ou que em algum momento as motivou a continuarem, chegando algumas a dizer que tinham ideia de que este trabalho seria algo temporário, mas que acabou por se tornar mais duradouro devido à grande quantidade de dinheiro que se ganha: “Se te habituares a este dinheiro é difícil ir para um trabalho em que trabalhas muitas horas e ganhas pouco. No início pensei que este trabalho seria temporário, mas vi o dinheiro que ganhava e fiquei.” (entrevistada 6)

Contudo, há também quem declare que inicialmente começou pelo dinheiro, mas que depois se apaixonou pelo trabalho e pela dança e que esse gosto as motiva a permanecerem porque realmente gostam do que fazem: “Bem, comecei por necessidade sim, mas acabei por gostar e acabei por tentar sempre melhorar-me.” (entrevistada 3)

Outras afirmam que apenas consideram este um trabalho temporário, até conseguirem o dinheiro que pretendem ou até conseguirem estar legais no país para depois encontrarem um trabalho “normal”: “Entretanto eu consigo estar legal e consigo um trabalho

normal, num horário normal, mas não tenho nada contra, eu sei que tem meninas que gostam de trabalhar aqui e trabalham aqui há anos. Mas não é o meu caso.” (entrevistada 8)

Com a mesma perspetiva, a entrevistada 7 declara:

Mas eu tenho objetivos, pretendo deixar de fazer *strip* aos 30 anos porque quero formar uma família e não é compatível ter um relacionamento e fazer *striptease*. Até aos 30 consigo o dinheiro que quero e já fico com uma garantia para o futuro e aí já não preciso mais de fazer *striptease* e posso criar um negócio, como até já tive no passado.

Assim, de acordo com as motivações que fazem sete das nove entrevistadas (porque duas delas já não se encontram a fazer *striptease*) permanecerem a fazer *striptease* e de acordo com a divisão de Sweet e Tewksbury (2000), podemos considerar que seis são dançarinas de carreira pois permanecem a fazer *striptease* devido à grande quantidade de dinheiro que ganham e porque consideram que noutro emprego não conseguem um valor tão elevado. Destas seis, três também podem ser consideradas dançarinas de festa pois gostam daquilo que fazem e do ambiente do clube. Apesar de nenhuma afirmar que faz *striptease* pelo poder que ele lhe confere, estas seis referem esse poder e esse controlo que têm sobre si ou sobre os outros, dando a entender que esse fator faz com que o *striptease* se torne atrativo para elas, podendo desta forma ainda serem consideradas dançarinas de poder, mostrando também assim que é possível cada bailarina enquadrar-se em mais do que uma categoria (Sweet & Tewksbury, 2000). Apenas uma das participantes que permanece a fazer *striptease* (entrevistada 8), não parece encaixar-se em nenhuma das categorias, pois ela não gosta especialmente do que faz e não considera que é o local onde consegue ganhar o valor mais elevado, simplesmente faz *striptease* porque está no país em situação irregular e não conseguiu outro emprego. Aliás, esta chega a referir, de forma indignada, que a sua escolaridade (curso superior) não se coaduna com o *striptease*. É importante mencionar ainda que, logo no início da entrevista, esta entrevistada refere que nem de dançar ela gosta e ao longo de todo o tempo em que estivemos presentes, deu-nos sempre a entender que ela não se encontrava feliz nesta atividade.

É relevante referir, também, que as participantes ao dizerem que inicialmente pensaram que o trabalho seria algo temporário, mas que depois se aperceberam do dinheiro que ganhavam e decidiram permanecer, corroboram aquilo que é mencionado nas investigações de Sweet e Tewksbury (2000) e de Forsyth e Deshotels (1998).

3.5. Impacto da COVID-19

3.5.1. Nível profissional

Assim como várias pessoas em todo o mundo, também as participantes deste estudo referem que a pandemia provocada pela COVID-19 teve impacto nas suas vidas. Estas referem, essencialmente, mudanças ao nível profissional, porque vários clubes fecharam e, por isso, todas tiveram um período em que foram obrigadas a parar de exercer a sua função nos clubes nos quais se encontravam empregadas (à exceção de uma que já não se encontrava a desempenhar *striptease* nessa altura) e isso trouxe momentos de dificuldades financeiras: “A pandemia teve impacto porque fecharam as casas e mesmo as que estavam abertas às escondidas tinham poucos clientes.” (entrevistada 4). Com a mesma perspetiva, a entrevistada 7 refere:

Afetou essencialmente ao nível profissional porque o clube onde me encontrava teve de fechar e isso levou a perda de rendimentos, pois tive de parar de trabalhar, o que se tornou difícil visto contribuir para o sustento da minha mãe e irmão.

A agravar a perda de trabalho, estas participantes queixam-se de não terem recebido apoios do Estado, ficando, por isso, numa situação bastante delicada: “As *strippers* não têm esse tipo de apoio. Não temos apoio nenhum do Estado. Não é uma profissão que seja reconhecida.” (entrevistada 3).

Estes dados corroboram aquilo que vários investigadores foram expondo ao longo do último ano e meio. Couto e colaboradores (2020), por exemplo, referem que a procura dos serviços dos trabalhadores do sexo diminuiu e isso fez diminuir os seus lucros, algo que é referido pela entrevistada 4. Os nossos dados mostram, também, que as participantes deste estudo se enquadram na dimensão de trabalhadores do sexo que, na falta de trabalho, não tiveram apoios do Estado, podendo esta falta de apoio se dever ao facto de terem sido excluídos dos planos de apoio criados durante a pandemia como aconteceu em muitos países (UNAIDS, 2020). Contudo a falta de apoio pode não ser apenas responsabilidade do Estado, mas também dever-se ao facto de algumas *stripteasers* trabalharem sem contrato: “Tens algumas que pediram aqueles apoios do Estado, de sobrevivência, tudo isso. Porque tu tens gente que estavam com contrato e as que estavam com contrato safaram-se porque continuam a ganhar por causa do contrato.” (entrevistada 2).

O facto de trabalharem sem contrato leva-nos a questionar o porquê de o fazerem. Estará relacionado com o estigma e com a necessidade de não revelarem a verdadeira profissão, ou estará relacionado com a dificuldade em arranjar emprego e com a aceitação

de oportunidades com condições ilegais quando estas surgem, visto necessitarem de dinheiro para sobreviverem?

3.5.2. Gestão do impacto

De modo a lidarem com este impacto financeiro pela falta de trabalho e falta de apoios, algumas mulheres tentaram arranjar outros empregos como forma de subsistência: “Estive parada quando as casas fecharam e, como não há lay-offs nem subsídios, tive de procurar outro trabalho nesse tempo” (entrevistada 4). Contudo, apesar de algumas terem conseguido, nem todas tiveram a mesma sorte e justificam-na pelo facto de serem estrangeiras e não se encontrarem legais em Portugal e mesmo pelo facto de ser uma época em que, no geral, as entidades empregadoras não se encontravam a querer empregar:

(...) eu sou imigrante, então é mais complicado para mim. E não é só isso, além de complicado para mim pela minha situação, também há o COVID. As pessoas se já estavam a querer ficar sem empregados, não vão estar a contratar mais ninguém. (entrevistada 8)

No entanto, qualquer que seja a origem da falta de apoios, a verdade é que esta fez com que as mulheres que trabalhavam em clubes que não fecharam, ou que fecharam, mas reabriram ilegalmente logo de seguida, tivessem de trabalhar para sobreviverem, mesmo correndo riscos de contaminação pela doença, como também é apresentado pela literatura (NSWP, 2020). Aliás, o clube que visitamos só fechou num dos confinamentos, sendo que no segundo confinamento se manteve a funcionar de forma ilegal, sem cumprimento das normas de segurança, o que potencialmente colocava em risco a saúde das suas funcionárias que tinham que fazer uma opção entre trabalhar de forma menos segura e não ter qualquer rendimento.

4. Conclusões

O *striptease*, assim como outras áreas do trabalho sexual, é visto por uma vasta gama de autores (Holsopple, 1998; Jeffreys, 2008; Barry, 1995, Dworkin, 1981, 1997, Jeffreys, 1997, MacKinnon, 1987, 1989 cit in Weitzer, 2009) como uma profissão em que é evidente a dominação masculina, bem como a exploração, o abuso, a objetificação e a opressão das mulheres por parte dos clientes. Contudo, os nossos dados, bem como as análises que efetuamos, não nos permitem tirar essas conclusões. As mulheres que entrevistamos não percecionam a sua atividade dessa forma, demonstrando que quem detém poder dentro do clube são elas ou o gerente/patrão, e não o cliente. Assim, podemos concluir que os dados obtidos se adequam melhor à perspetiva de que o *striptease* é empoderador e não opressivo. Assim, talvez possamos assumir que existe uma inversão de papéis de género dentro do clube, sendo que quem domina é a mulher e quem é dominado é o homem. No entanto, claramente não é possível generalizar os nossos dados a todas as *stripteasers* nem a todos os clubes. Para além da nossa amostra ser bastante reduzida, todas têm experiências diferentes e podem também atribuir significados diferentes às mesmas experiências.

Podemos concluir, também, que algumas *stripteasers* desempenham esta atividade apenas com motivação económica, enquanto que a outras motivam alguns dos aspetos que a profissão envolve, como, por exemplo, o gosto pela dança. Algumas das entrevistadas mostraram-se mesmo entusiasmadas quando falavam sobre como manipulam os clientes para obterem o dinheiro que pretendem, dando sinais de que sentem prazer com esta posição dominante.

Vimos ainda que, tal como a literatura existente demonstra, o *striptease* envolve trabalho emocional e que este pode ser considerado prejudicial por algumas *stripteasers*, mas não por outras, indicando, novamente, a relevância de escutar a subjetividade de diferentes mulheres. Para além disso, o argumento generalizante usado por alguns autores, como Wood (2000), de que a presença de trabalho emocional no *striptease* é desempoderador para a mulher, é invalidado pelos nossos dados empíricos, pois algumas das entrevistadas mostraram que se sentem empoderadas através dele. Além disso, este argumento pode ser visto como pouco robusto na medida em que o trabalho emocional está presente em várias outras profissões sendo que, nesses casos, principalmente quando são exercidas por homens, vários autores consideram esse trabalho empoderador (Leidner, 1993; Pierce, 1995 cit in Deshotels & Forsyth, 2006).

Concluímos, também, que o *striptease*, bem como as pessoas que o realizam, são alvo de estigma e de discriminação e isso é algo que tanto as nossas participantes como as de outras investigações assumem. Para lidarem com esse estigma, muitas utilizam estratégias mas, por vezes, essas estratégias por si só têm um impacto negativo. No entanto, nem todas as utilizam pois nem todas consideram que o mesmo tenha impacto nas suas vidas. Quando refletimos sobre as perspetivas de algumas participantes acerca da origem do estigma a que está sujeito o *striptease*, surgem-nos algumas questões. Compreendemos que elas queiram salientar que não fazem prostituição e que o *striptease* é algo completamente diferente, mas parece que, ao rejeitarem essa associação, elas estão a legitimar o estigma que existe sobre esse tipo de trabalho sexual. Ou seja, parece que defendem que o *striptease* não deveria ser alvo de preconceito e de estigmatização porque não está relacionado com prostituição que, por sua vez, consideram normal que seja estigmatizada. Desta forma, a nosso ver, este discurso acaba por contribuir para acentuar o estigma relativo à prostituição e não contribui para combater as raízes da estigmatização.

Por fim, é importante referir que, como seria de prever, constatamos que a pandemia provocada pela COVID-19 trouxe novos desafios para as vidas destas participantes, principalmente ao nível profissional, o que acabou por influenciar a sua vida financeira, trazendo prejuízos para várias delas.

Embora consideremos que esta investigação nos permitiu conhecer várias perspetivas das *stripteasers*, sabemos que esta não está livre de dificuldades e limitações. Em primeiro lugar, a pandemia dificultou o acesso à população-alvo que, à partida, já era difícil de aceder. Outra limitação foi que seis das nove entrevistas decorreram no clube, o que dificultou o seu registo áudio, bem como a própria realização de algumas das entrevistas que chegaram a ser interrompidas mais do que uma vez, sendo que uma acabou por não ser finalizada. O facto de terem sido realizadas no clube também pode ter influenciado algumas respostas das participantes, principalmente quando falamos sobre autonomia, visto que se encontravam no seu local de trabalho e podem ter sentido alguma inibição na abordagem deste assunto, designadamente pela proximidade física do patrão. Outra limitação foi não termos conseguido obter dados relevantes através de observação direta, como tencionávamos no início, porque mesmo tendo estado presentes no clube, não dispndemos aí o tempo necessário para fazer uma observação consistente. Esta impossibilidade deveu-se à dificuldade de nos deslocarmos ao clube mais vezes, tanto pela sua localização geográfica, como pelas limitações impostas pela COVID-19. Podemos, finalmente, considerar como

limitação, o tempo reduzido que não nos permitiu aprofundar algumas questões que provavelmente enriqueceriam esta dissertação.

Para uma investigação futura, para além de se tentar combater as limitações acima descritas, seria, ainda, proveitoso e interessante entrevistar não só as bailarinas, mas também patrões e clientes para perceber a perspetiva destes sobre a distribuição de poder dentro do clube.

Em jeito de conclusão, consideramos que esta investigação contribuiu para melhor compreender as perspetivas de algumas mulheres que fazem *striptease*, reconhecendo que estas são as verdadeiras peritas das suas experiências e, por isso, são as primeiras pessoas que devem ser ouvidas quando o objetivo é entender o fenómeno em profundidade.

5. Referências Bibliográficas

- Adler, P. A., & Adler, P. (2012). Keynote address tales from the field: Reflections on four decades of ethnography. *Qualitative Sociology Review*, 8(1), 10–32. http://www.qualitativesociologyreview.org/ENG/archive_eng.php
- Barton, B. (2002). Dancing on the möbius strip - Challenging the sex war paradigm. *Gender and Society*, 16(5), 585–602. <https://doi.org/10.1177/089124302236987>
- Bell, H., Sloan, L., & Strickling, C. (1998). Exploiter or exploited: Topless dancers reflect on their experiences. *Affilia - Journal of Women and Social Work*, 13(3), 352–368. <https://doi.org/10.1177/088610999801300306>
- Bruckert, C. (2002). *Taking it off, putting it on: Women in the strip trade*. Toronto, Canada: Women's Press.
- Couto, P. L. S., Gomes, A. M. T., Pereira, S. S. da C., Vilela, A. B. A., Flores, T. D. S., & Porcino, C. (2020). Situações de vulnerabilidades em saúde vivenciadas por trabalhadoras sexuais em tempos de pandemia da covid-19. *Revista Baiana de Enfermagem*, 35(1), 1–8. <https://doi.org/10.18471/rbe.v35.37325>
- Creswell, J. W. (2007). *Qualitative inquiry & research design: Choosing among five approaches*. Thousand Oaks, California: Sage Publications, Inc.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2008). *Collecting and interpreting qualitative materials*. Thousand Oaks, California: Sage Publications, Inc.
- Deshotels, T., & Forsyth, C. (2006). Strategic flirting and the emotional tab of exotic dancing. *Deviant Behavior*, 27(2), 223–241. <https://doi.org/10.1080/01639620500468600>
- Deshotels, T., & Forsyth, C. (2008). Sex rules: The edicts of income in exotic dancing. *Deviant Behavior*, 29(5), 484–500. <https://doi.org/10.1080/01639620701673081>
- Erickson, D. J., & Tewksbury, R. (2000). The gentlemen in the club: A typology of strip club patrons. *Deviant Behavior*, 21(3), 271–293. <https://doi.org/10.1080/016396200266261>
- Forsyth, C. J., & Deshotels, T. H. (1998). A deviant process: The sojourn of the stripper. *Sociological Spectrum*, 18(1), 77–92. <https://doi.org/10.1080/02732173.1998.9982185>

- Frank, K. (2007). Thinking critically about strip club research. *Sexualities*, 10(4), 501–517.
<https://doi.org/10.1177/1363460707080989>
- Goffman, E. (1963). *Stigma: Notes on the management of a spoiled identity*. New Jersey: Prentice-Hall.
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 105–117). Thousand Oaks, California: Sage Publications, Inc.
- Hanna, J. L. (2013). Striptease spectators: Live and imaginary. *Sexuality and Culture*, 17(1), 67–82. <https://doi.org/10.1007/s12119-012-9139-0>
- Hochschild, A. (1983). *The managed heart: Commercialization of human feeling*. Berkeley: University of California Press.
- Holsopple, K. (1998). Strip club testimony. *Freedom and Justice Center for Prostitution Resources: A Program of the Volunteers of America of Minnesota*, 1–17.
https://www.ayaoutreach.com/uploads/6/1/9/7/61971497/strip_club_study.pdf
- Howitt, D. (2010). *Introduction to qualitative methods in psychology*. Harlow: Pearson.
- Jeffreys, S. (2008). Keeping women down and out: The strip club boom and the reinforcement of male dominance. *The University of Chicago Press*, 34(1), 151–173.
<https://doi.org/https://doi.org/10.1086/588501>
- Johnson, M. L. (1999). Pole work: Autoethnography of a strip club. In B. M. Dank & R. Refinetti (Eds.), *Sex work and sex workers* (pp. 149–158). New York: Routledge.
<https://doi.org/10.4324/9781351306683-8>
- Kabeer, N. (1999). Resources, agency, achievements: Reflections on the measurement of women's empowerment. *Development and Change*, 30(3), 435–464.
<https://doi.org/10.1111/1467-7660.00125>
- Lam, E. (2020). Pandemic sex workers' resilience: Covid-19 crisis met with rapid responses by sex worker communities. *International Social Work*, 63(6), 777–781.
<https://doi.org/10.1177/0020872820962202>
- Lewis, J. (2006). "I'll scratch your back if you'll scratch mine": The role of reciprocity, power and autonomy in the strip club. *Canadian Review of Sociology*, 43(3), 297–311.

<https://doi.org/10.1111/j.1755-618X.2006.tb02226.x>

Lune, H., & Berg, B. L. (2017). *Qualitative research methods for the social sciences*. Harlow: Pearson.

Mamede, R. P., Pereira, M., & Simões, A. (2020). *Portugal: Uma análise rápida do impacto da covid-19 na economia e no mercado de trabalho*. https://www.ilo.org/lisbon/publicações/WCMS_754606/lang--pt/index.htm

Maxwell, J. A. (1998). Designing a qualitative study. In L. Bickman & D. J. Rog (Eds.), *Handbook of applied social research methods* (pp. 214–253). Thousand Oaks, California: Sage.

Mestemacher, R. A., & Roberti, J. W. (2004). Qualitative analysis of vocational choice: A collective case study of strippers. *Deviant Behavior*, 25(1), 43–65. <https://doi.org/10.1080/01639620490248934>

Murphy, A. G. (2003). The dialectical gaze: Exploring the subject-object tension in the performances of women who strip. *Journal of Contemporary Ethnography*, 32(3), 305–335. <https://doi.org/10.1177/0891241603032003003>

NSWP. (2020). *Sex workers must not be left behind in the response to covid-19*. <https://www.nswp.org/page/covid-19>

Pasko, L. (2002). Naked power: The practice of stripping as a confidence game. *Sexualities*, 5(1), 49–66. <https://doi.org/10.1177/1363460702005001003>

Passos, T. S., & Almeida-Santos, M. A. (2020). Trabalho sexual em período de pandemia por covid-19 no contexto ibero-americano: análise de anúncios em websites. *Ciencia e Saude Coletiva*, 25(11), 4237–4248. <https://doi.org/10.1590/1413-812320202511.26622020>

Pilcher, K. (2009). Empowering, degrading or a “mutually exploitative” exchange for women?: Characterising the power relations of the strip club. *Journal of International Women’s Studies*, 10(3), 73–83. <https://vc.bridgew.edu/jiws/vol10/iss3/7>

Quivy, R., & Campenhoudt, L. Van. (2018). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Ronai, C. R., & Ellis, C. (1989). Turn-ons for money: Interactional strategies of the table

- dancer. *Journal of Contemporary Ethnography*, 18(3), 271–298.
<https://doi.org/10.1177/089124189018003002>
- Seidman, I. (2006). *Interviewing as qualitative research*. Nova Iorque: Teachers College Press.
- Siebler, K. (2015). What’s so feminist about garters and bustiers? Neo-burlesque as post-feminist sexual liberation. *Journal of Gender Studies*, 24(5), 561–573.
<https://doi.org/10.1080/09589236.2013.861345>
- Skipper, J. K., & McCaghy, C. H. (1970). Stripteasers: The anatomy and career contingencies of a deviant occupation. *Social Problems*, 17(3), 391–405.
<https://doi.org/10.2307/799557>
- Smith, J. A., & Osborn, M. (2003). Interpretative phenomenological analysis. In J. Smith (Ed.), *Qualitative psychology: A practical guide to research methods* (pp. 51–80). London: SAGE Publications Ltd.
- Sweet, N., & Tewksbury, R. (2000). Entry, maintenance and departure from a career in the sex industry: Strippers’ experiences of occupational costs and rewards. *Human and Society*, 24(2), 136–161. <https://doi.org/10.1177/016059760002400203>
- Sykes, G. M., & Matza, D. (1957). Techniques of neutralization: A theory of delinquency. *American Sociological Review*, 22(6), 664–670. <https://doi.org/10.2307/2089195>
- Thompson, W. E., Harred, J. L., & Burks, B. E. (2003). Managing the stigma of topless dancing: A decade later. *Deviant Behavior*, 24(6), 551–570.
<https://doi.org/10.1080/713840274>
- UNAIDS. (2020). *Covid-19 responses must uphold and protect the human rights of sex workers*.
https://www.unaids.org/en/resources/presscentre/featurestories/2020/april/20200424_sex-work
- Weitzer, R. (2009). Sex work: Paradigms and policies. In R. Weitzer (Ed.), *Sex for sale: Prostitution, pornography, and the sex industry* (pp. 1–43). New York: Routledge.
<https://doi.org/https://doi.org/10.4324/9780203872802>
- WHO. (2020). *Coronavirus disease 2019 (covid-19): Situation Report - 51*.
<https://apps.who.int/iris/handle/10665/331475>

- Wood, E. A. (2000). Working in the fantasy factory: The attention hypothesis and the enacting of masculine power in strip clubs. *Journal of Contemporary Ethnography*, 29(1), 5–31. <https://doi.org/10.1177/089124100129023800>
- Young, I. M. (2011). Five faces of oppression. In *Justice and the politics of difference* (pp. 39–65). Princeton: Princeton University Press. <https://doi.org/https://doi.org/10.1515/9781400839902-005>

6. Anexos

6.1. Anexo 1 - Guião

Consentimento informado

No âmbito da minha dissertação de mestrado do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, sob orientação da Professora Doutora Alexandra Oliveira, estou a desenvolver uma investigação centrada em mulheres que fazem *striptease* tendo como objetivos compreender o impacto da COVID-19 nestas mulheres e no seu trabalho, bem como as relações existentes no clube.

Neste sentido, queria convidá-la a colaborar na minha investigação através de uma entrevista. Caso concorde em participar, dou-lhe a garantia de que todas as informações que me fornecer permanecerão no anonimato, não sendo revelados elementos que possam levar à sua identificação. O acesso aos dados na sua forma original será restrito à investigadora e respetiva orientadora. Além disso, todos os dados serão tratados de acordo com o Regulamento Geral da Proteção de Dados. Assim, de forma a facilitar a posterior análise dos dados, gostava de lhe solicitar autorização para efetuar registo áudio da entrevista. Queria ainda pedir-lhe que as suas respostas fossem o mais honestas e completas possível.

Se em qualquer momento decidir que quer cessar a sua colaboração ou se pretender que os dados fornecidos não sejam utilizados, tais decisões serão inteiramente respeitadas.

Tem alguma dúvida sobre as informações que lhe transmiti? Concorda em colaborar nesta investigação?

Questões

1) Impacto da COVID-19

- a) Para começar, gostaria de compreender qual foi o impacto que a presente pandemia de COVID-19 teve em si.
 - i) A pandemia afetou a sua vida pessoal? Se sim, de que forma? A que níveis?
 - ii) E ao nível profissional, qual foi o impacto da pandemia?
 - (1) Continuou a trabalhar?
 - (2) Perdeu rendimentos?
 - (3) Houve períodos em que esteve parada e outros em que trabalhou?
 - (4) Ao nível do clube, houve mudanças?

- (5) Deixou de trabalhar no clube durante o confinamento?
- (6) Se não, sentia-se segura a trabalhar?
- (7) Se sim, foi por vontade própria ou porque ele fechou?
- (8) Se ele fechou, teve algum apoio económico durante esse tempo?
- (9) Se ele fechou procurou outro trabalho? Qual?
- (10) Ao nível económico estas mudanças tiveram algum impacto?
- iii) Afetou a sua vida relacional? Se sim, de que modo?

b) Como é que lidou com o impacto da COVID-19 nas várias áreas da sua vida?

2) Caracterização do *striptease* e das motivações das mulheres *stripteasers*

- a) Pode descrever-me em que consiste o trabalho?
- b) Poderia abordar o contexto e as circunstâncias em que iniciou o desempenho de *striptease*?
- c) Quais os motivos que levaram ao início do *striptease*?
- d) Por que motivos continua a fazer este trabalho?

3) Estigma

- a) Considera que existe estigma/discriminação relativamente ao *striptease* e a quem o exerce?
- b) Por parte de quem existe esse estigma/discriminação? (Sociedade, clientes,)
- c) Qual o impacto desse estigma na sua vida pessoal [quotidiano/dia-a-dia e relações pessoais]?
- d) O que é que sente face a esse estigma?
- e) Como lida com o estigma sentido (estratégias)?

4) Trabalho emocional

- a) Nas suas atividades enquanto *stripteaser*, está a desempenhar um papel ou uma personagem?
- b) Já sentiu necessidade de fingir, enquanto *stripteaser*, que estava feliz num momento em que não estava? Porquê?
- c) Sente ou já sentiu necessidade de fingir, por exemplo, que acha um cliente interessante? Porquê?
- d) Costuma fingir ser quem não é de modo a satisfazer as fantasias dos clientes? (Por exemplo, se ele gosta de alguém que fale de uma certa forma você adota essa forma de falar?) Com que objetivo?

- e) Acredita que fingir esses sentimentos ou fingir que é de uma forma que na realidade não é, tem consequências negativas para si? (Pedir exemplos)

5) Relações de poder no clube

- a) Abordando o tema das relações dentro do clube, como considera que é a sua relação com os clientes?
- b) E com os restantes membros do clube?
- c) Quem determina o que você tem de fazer, quando tem de fazer e como tem de fazer? É você, ou seja, tem essa autonomia e pode definir limites, proteções, ...?
 - i) Se você não quiser atuar num dia, mesmo que o cliente queira uma dança sua, pode não o fazer?
 - ii) O toque dos clientes é permitido no clube? Se é permitido, você pode escolher que um cliente não lhe toque? Se não é permitido, e se algum tentar fazê-lo há penalizações para ele ou para si?
 - iii) O que faz quando um cliente tenta fazer algo que você não quer, mas que é permitido no clube? Utiliza alguma estratégia mais subtil tentando fazer com que ele não se aperceba que você não o está a deixar fazer algo ou diz-lhe logo que não quer que ele faça aquilo? Se já esteve nessa situação e se disse que não queria, qual foi a reação do cliente?
- d) Quem é que você acha que tem mais poder dentro do clube? Porquê?
- e) Faz alguma coisa para assumir o controlo nas interações com os clientes? O quê?
- f) Considera o valor que ganha justo ou injusto?
- g) Já teve outras profissões? Se teve, considera que tinha maior ou menor controlo do seu comportamento e das suas decisões nessa profissão em comparação com o que tem enquanto *stripteaser*?
- h) Relativamente ao tema da violência, já sofreu ou assistiu a algum episódio de violência no clube? Se sim, de que tipo e por parte de quem? Como geriram essa situação?

Queria fazer-lhe apenas mais umas questões relativas a alguns dados sociodemográficos relevantes para a investigação, para que eu possa fazer uma caracterização geral das pessoas que entrevistei, tais como a sua idade, nacionalidade, orientação sexual, escolaridade e há quanto tempo desempenha *striptease*.

Conclusão

Antes de darmos por concluída a entrevista, há algo que queira acrescentar ou algum tema que gostasse de aprofundar? Alguma questão ou comentário acerca da entrevista?

Por fim, gostaria, então, de lhe agradecer, a sua participação é de uma enorme importância para esta investigação. Se quiser, posso disponibilizar o meu endereço de email para que me possa contactar caso lhe surja alguma questão. Estaria interessada em saber os resultados da investigação? Se sim, por que meio de contacto lhos posso enviar?